



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOSSOCIOLOGIA DE COMUNIDADES E
ECOLOGIA SOCIAL

MÔNICA PINTO DA ROSA

PERFORMATIVIDADES EM REDE E INSURGÊNCIAS ANTICOLONIAIS

RIO DE JANEIRO

2024



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Instituto de Psicologia

Programa EICOS – Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social

MÔNICA PINTO DA ROSA

PERFORMATIVIDADES EM REDE E INSURGÊNCIAS ANTICOLONIAIS

Dissertação para defesa de Mestrado submetido ao corpo docente do Programa EICOS / IP - Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Orientadora: Profa. Dra. Samira Lima da Costa

Co-orientadora: Profa. Dra. Catalina Revollo Pardo

Mônica Pinto da Rosa é Professora das séries iniciais na Rede Municipal de Ensino da Cidade de Duque de Caxias /SME/DC, graduada em Pedagogia (2020) pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e especialista em Educação para as Relações Étnico-raciais com ênfase nas formações em Rede e Educação Infantil. É fundadora da Rede Carioca de Etno Educadoras Negras - RECEN que em 2020 passou a ser uma rede do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO) e do Observatório Redes Etnoeducadoras (UNIRIO). É pesquisadora do Grupo de estudos e pesquisa Formação de Professores, Pedagogias Decoloniais, Currículo e interculturalidade: agendas emergentes na escola e na universidade (GFPPD/UNIRIO), e pesquisadora do Laboratório de Memórias Territórios e Ocupações: rastros sensíveis é um espaço de encontro entre os grupos de pesquisa: “Prajna- sabedorias silenciosas e eco espiritualidade”; Juventudes, Envelhecimento, Gapis, Diaspóricas e Mediatio, vinculados ao PPGU/EICOS/UFRJ.

CIP - Catalogação na Publicação

P788p Pinto da Rosa, Mônica
Performatividades em Redes e Insurgências
Anticoloniais / Mônica Pinto da Rosa. -- Rio de
Janeiro, 2024.
77 f.

Orientadora: Samira Lima da Costa.
Coorientadora: Catalina Revollo Pardo.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa
de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e
Ecologia Social, 2024.

1. Este trabalho fala sobre a performatividade
de mulheres , que se juntam formando Redes de ações
transformadoras através da educação, arte,
psicologia, inferindo no caos social. Promovendo a
reintegração entre homem e Natureza.. I. Lima da
Costa, Samira , orient. II. Revollo Pardo,
Catalina, coorient. III. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

MÔNICA PINTO DA ROSA

PERFORMATIVIDADES EM REDE E INSURGÊNCIAS ANTICOLONIAIS

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – EICOS, do Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Aprovada em março de 2024.

Dra. Professora Samira Lima da Costa
UFRJ/EICOS

Dro. Professor Celso Sánches Pereira
UNIRIO

Dra. Professora Márcia Cabral da Costa
UFRJ

Rio de Janeiro

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Sagrado, a minha ancestralidade que abriram os caminhos para que eu ouvisse e sentisse a inspiração para iniciar esta pesquisa.

Agradeço a minha Mãe Eurícida Rosa , que mesmo diante de muitas tempestades e solitudes teve a coragem de me trazer ao mundo.

Ao Programa EICOS/UFRJ, por caminhar comigo e com minhas andarilhagens como educadora disruptiva.

À Professora Cláudia Miranda que me apresentou a academia, seguindo ao meu lado sem soltar minhas mãos. À Professora Samira Lima Costa, um agradecimento especial por me orientar ao longo do processo do Mestrado.

Gratidão à sensível orientação de Catalina Revollo.

Aos meus amados filhos Pedro Paulo Rosa e Vitória Rosa, sentido de tudo que ando produzindo, o meu muito obrigado pelas inspirações. Destaco meu filho Pedro Paulo Rosa, que me conduziu de volta a academia. Agradeço ao meu amado afilhado, Junior Skullesco por estar ao meu lado na criação gráfica desta pesquisa. Ao Antonio, meu companheiro, pela sua amorosidade e forma de ser parceiro e amigo. A amiga Luciene Medeiros pela sua presença em minha vida.

Um agradecimento especial para minhas amigas e interlocutoras amadas, representadas por Célia Cristo. Quero destacar o cuidado comigo, ao longo dessa jornada. Essa dissertação se constitui como um divisor de águas em minha caminhada como educadora e pesquisadora.

Às minhas amigas da vida e colegas de profissão, educadoras, ativistas, intelectuais orgânicas indispensáveis para a repactuação do Brasil. Obrigada por tanto.

Agradeço a Georgina Martins, minha Analista amada e sempre presente nesta desafiadora travessia.

RESUMO

O presente trabalho se ancora na análise da performatividade coletiva de redes, entre educadoras, que se organizam no Rio de Janeiro a partir de um ethos colaborativo e que nasce e se constitui a contrapelo, em uma dinâmica revolucionária. Analisamos, a partir de entrevistas semiestruturadas, nuances dos percursos realizados por lideranças, pesquisadoras-ativistas. A aposta que fizemos foi para entender o *modus operandi* de partícipes de iniciativas inspiradas nas experiências latino-americanas, em educação com destaque para Brasil e Colômbia. As conclusões indicaram que suas expectativas giram em torno da possibilidade de experimentarem percursos mais colaborativos e anticoloniais, já que a preocupação é com o reconhecimento de demandas advindas de comunidades de base pauperizadas e marginalizadas na estrutura social. Nesse caminho, adota-se a ideia de *ethos descolonizador* e feminismos negros pensando as rupturas que garantem quando optam por experiências comunitárias em conexão com redes etnoeducadoras e que defendem deslocamentos das suas culturas, das margens para o centro. Entendemos que dispositivos agregadores estão como pano de fundo e se conectam com o *modus operandi* de redes afrodescendentes e afroindígenas que se inspiram em processos emancipatórios para sugerirem recriações historiográficas nos seus territórios. Conseqüentemente no processo de construção dos saberes no espaço escola.

Palavras-chave: Educação, Psicossociologia com comunidades, redes colaborativas, insurgência coletiva feminina.

ABSTRACT

The present work is anchored in the analysis of the collective performativity of the networks, among educators, who are organized in Rio de Janeiro from a collaborative ethos and that is born and constituted against the current of the majority, in a revolutionary dynamic. Based on semi-structured interviews, we analyzed nuances of the paths taken by leaders, researchers activists. The statement we made was to understand the modus operandi of participants in initiatives inspired by Latin American experiences, in education with emphasis on Brazil and Colombia. The conclusions indicated that their expectations revolve around the possibility of experimenting with more collaborative and anti-colonial paths, since the concern is with the recognition of demands arising from impoverished and marginalized base communities in the social structure. In this way, the idea of decolonizing ethos and black feminisms is adopted, thinking about the ruptures they guarantee when they opt for community experiences in connection with the ethno-educational networks and that defend the displacement of their cultures, from the margins to the center. We understand that aggregating devices are in the background and connect with the modus operandi of Afro-descendant and Afro-indigenous networks that are inspired by emancipatory processes to suggest historiographical recreations in their territories. Consequently, in the process of construction of knowledge in the school space.

Keywords: Education, Psychosociology with communities, collaborative networks, female collective insurgency.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Registro do desenho feito por menina Maria antes do bordado.	45
Figura 2: Bordado de poesias e canções pelas mãos da mulher mãe Maria.	46
Figura 3: Bordado das flores feito pelas mãos da mulher avó Maria.	47
Figura 4: Fio construindo o caminho do bordado pelas mãos da menina Maria.	48
Figura 5: Entrelace de fios bordados por mulher mãe Maria.	48
Figura 6: Caminho de encontro a terra.	52
Figura 7: Apresentação do Coletivo Terra.	53
Figura 8: Armazém do Coletivo Terra.	54
Figura 9: Interior do armazém, organização da produção.	54
Figura 10: Riqueza, colheita de feijão.	55
Figura 11: Fartura, colheita de inhame.	55
Figura 12: Festa, criação de galinhas caipiras.	56
Figura 13: Caminho de integração entre as aves.	56
Figura 14: Quintal de convivência da casa da Bia.	57
Figura 15: Terras da Bia sendo preparadas para um pomar.	58
Figura 16: 5º Encontro presencial da Rede Carioca de Etnoeducadoras Negras.	59
Figura 17: Programa construído no canal do YouTube pela Professora Viviane Rodrigues.	61
Figura 18: Apresentação do HQ para a escola que eu trabalhava: EM Tobias Barreto.	62
Figura 19: Patrícia Dias apresentando o P.I.E.R. no SESC/RJ. Uma parceria iniciada em 2023.	65
Figura 20: Patrícia Dias dinamizando um grupo de trabalho do projeto P.I.E.R.	67
Figura 21: Desenho Anja Rozen, uma estudante da escola primária de 13 anos na Eslovénia.	73

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
1 INTRODUÇÃO	12
2 MOVIMENTOS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA: Inspirações para a Psicossociologia	16
3 ESTUDOS SOBRE REDES: em busca de um referencial teórico	20
4 DIÁLOGOS COM LIDERANÇAS ETNOEDUCADORAS NO RIO DE JANEIRO	43
5 NOTAS CONCLUSIVAS	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74

APRESENTAÇÃO

No campo acadêmico é definidor iniciar destacando as limitações da autoria e da realização do trabalho científico. O envolvimento com as comunidades de base, com as famílias das periferias do Estado do Rio de Janeiro, a partir de projetos de acolhimento e de formação política, se deu a partir da minha profissionalização como Educadora que, aos 18 anos, começou a pensar nas coletividades e suas potencialidades. Minhas percepções são, portanto, fruto das aprendizagens coletivas com os/as estudantes, suas famílias, grupos com os quais tenho trabalhado na Rede Municipal de Educação do Município de Duque de Caxias. Com eles, entendo que somos promotores (as) de ambiências de aprendizagens anticoloniais e, definir o objeto de pesquisa, passa a ser em coautoria e, ao mesmo tempo, pode ser um processo que nos leva a indagar sobre o ir e vir como redes colaborativas no campo da pesquisa psicossocial. Notadamente, a base para iniciar essa proposta é a sensibilidade, a experiência e o acúmulo das trocas vivenciadas com estudantes e interlocutoras (es) presentes nas travessias docentes.

A defesa apresentada para a proposição da presente proposta, está influenciada por perspectivas (auto)biográficas assim como por narrativas transformadas em artigos, rodas de conversa, oficinas temáticas, monografia e em diferentes fóruns científicos, dos quais pude participar buscando interação e formação continuada. Nas relações, onde o afeto surge e alinha o trajeto de cada investigação pesquisada. Em outros termos, os lugares de memória ganham outro *status* e reorientam a proposição de fundo para esse projeto de Mestrado em Psicossociologia de Comunidades.

Como coordenadora-fundadora da Rede Carioca de Etnoeducadoras Negras - RECEN¹ – fundada em 2015 e pertencente ao Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO) –, pude acompanhar um locus insurgente de valorização das pedagogias descolonizadoras, conforme a percepção de Catherine Walsh (2014). Essa ação tem como horizonte, fomentar um movimento pedagógico universidade-escola, na interação com a Colômbia e as redes lá atuantes, como é o caso da *Corporación de Maestras e Maestros tras los hilos de Ananse*. Iniciamos uma agência colaborativa e agregadora visando indagar as esferas que soterram a diáspora existente no nosso contexto. Com essas vinculações, tem sido uma exigência pensar a pesquisa sobre territórios soterrados e clandestinizados, no sentido dado por Santiago Arboleda Quiñonez (2016).

¹ redsetnoeducadoras.org

Sabendo que, se tratando de povos latinos, de diáspora africana e indígena, contamos com a presença dos encantados, das ervas, do povo da floresta que tudo escuta, vê, comunica através do silêncio, de suas águas, de seu orvalho, de seu vento em brisa e canto, de seu fogo em cor e dança. É a natureza que nos coabita, dando passagem e observando nossa pesquisa. Nos ensinando a sentir.

1 INTRODUÇÃO

Essa dissertação se ancora no reconhecimento da existência de propostas de organização comunitária realizada no formato de “redes colaborativas” que são dinamizadas por lideranças com engajamento social e compromisso com a politização das classes trabalhadoras. Tais coletividades são analisadas como anticoloniais e, baseadas em nuances das heranças afroindígenas. Pode-se avaliar que se inspiram em reflexões em torno da necessidade de descolonização de ambiências hostis, mas sobretudo, na utopia de mudanças efetivas. Pode-se afirmar que tais configurações apresentam uma perspectiva de repactuação social. Nesse sentido, caberia recuperar o que aponta Claudia Miranda:

Quando determinados grupos são representados pelas práticas discursivas que os hierarquizam, esta classificação antecipa a processo seguinte que é a perda do *status* de humano. Entendo que tais reflexos podem ser apreendidos quando examinamos a política carcerária brasileira, as lacunas deixadas pelo poder público diante das demandas por soluções humanitárias para as populações de favelas, mas acima de tudo, entendo que a narrativa dos grupos hegemônicos - apreendida nos veículos de comunicação sobre quem tem direito ao acesso e quem não tem mérito para tanto -, traduzem as políticas de branquidade interessadas na manutenção das melhores posições para grupos identificados com esse tipo de política e que estão desfrutando do bônus/capital de ser representado como euro descendente (Miranda, 2018, p. 339)

Os aspectos acima, servem como vetores para a dissertação aqui apresentada justamente por indicar as limitações que marcam o ir e vir em uma sociedade ainda inspirada em relações assimétricas de poder. Também no campo da Psicossociologia, é importante reconhecer o esforço de grupos responsáveis por provocar rupturas em termos das demandas existentes nas áreas mais vulneráveis do país.

Conforme Maria Inácia D'Ávila Neto “no Brasil, um movimento de afirmação da identidade afro-brasileira foi a formação do Candomblé, como recriação religiosa, no qual as mulheres negras recriando a África imaginada têm grande importância na figura das mães-de-santo” (2012, p. 242). Sobre isso, pode-se afirmar que no país, o Nordeste se constitui como parte de um acervo museal, para a historiografia da Diáspora Africana, e nessa cartografia, ganha destaque a performance das sacerdotisas, filhas de africanas/os.

A *Ialorixá* Maria Balbina dos Santos (Mam' Etu Kafurengá) sistematiza, em formato de livro, as experiências da primeira escola de religião e cultura de matriz africana no Baixo Sul. Em sua visão: “o quilombo brasileiro, é sem dúvida, uma cópia do quilombo afro-bantu, reconstruído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de

outra estrutura política, na qual se juntaram todos os oprimidos” (Santos, MR, 2019, p. 12). Acrescentou que, na realidade vivida, coletivamente, no terreiro, está presente o trabalho na pesca - entre outras ocupações -, em condições precárias. Quando caracteriza o trabalho realizado na Escola Caxuté, apresenta a seguinte especificidade:

Para além da valorização das mulheres negras, e indígenas, (que demonstramos ao abaixarmos nossas cabeças para as mulheres de nosso terreiro, responsáveis por cozinhar para os mukixi, por exemplo), a pedagogia do terreiro traz à Comunidade, a discussão sobre o papel da mulher, feminicídio, sobre a importância de lutarmos contra a violência (Santos, 2019, p. 67).

Com essa introdução, o intuito é situar o debate sobre ancestralidade, sobre lugares de memórias contra hegemônicas e tecnologias dos movimentos sociais.

Encontro a afroindigenia que me habita e assim, a memória ancestral me faz recordar a Pedagogia Circular, sem paredes e muros. Onde saber e Natureza caminham irmãmente, um completa o outro. Psicologia/Escola/Sociedade/Artes fazem Roda no centro do terreiro, onde a Memória Ancestral ocupa e habita o Tempo através dos Tempos. Nasce a Rede Carioca de Etnoeducadoras Negras (RECEN) e a tessitura se faz possível em movimentos colaborativos. Com ela, nasce um outro itinerário, para acessar os saberes em essência. Há uma alienação em massa provocada pelo capital e as rupturas são urgentes já que não há como viver sem alteridade.

Por isso opto pelo coletivo e conseqüentemente, por valorizar o diálogo em redes colaborativas para a realização deste projeto de pesquisa. Em rede a vigilância epistemológica é fortalecida na revisão historiográfica. Visa-se através da potência das redes acordar a memória, a história, a cultura ancestral que presente em cada ser vivente. A reconexão do humano com a sua humanidade. Promover a significância do território afronteirado. Para que as comunidades conquistem a autonomia existencial. Precisamos lembrar de quem somos, enquanto Seres viventes.

Objetivo:

- Compreender como as redes se reinventam em perspectiva colaborativa a partir de ações e narrativas que recriam identidades coletivas no campo da formação e do ativismo antirracista;
- Cartografar as formas de identificação e as ações de referência desenvolvidas por redes que se constituem no Estado do Rio de Janeiro.

Aspectos teórico-metodológicos

Como abordagem metodológica vislumbramos a composição de ateliês autobiográficos e grupos focais. Ao mesmo tempo, pesquisar a partir da história oral, nos leva a conceitos de memória. A Rede Carioca de Etnoeducadoras Negras (RECEN), terá algumas de suas etnoeducadoras na interlocução de nossas investigações. O coletivo Terra, será meu ponto de partida. Acredito ser significativo partir da terra, de seu pisar enraizado e firme. Tenho como perspectiva, trabalhar com grupo focal incluindo profissionais dos sistemas de ensino e educadoras populares, com atuação em diferentes frentes.

Portanto, faz-se necessário ouvir as vozes do campo, vozes de lideranças que atuam em redes, em diferentes países da América Latina.

O Quadro 1 traz algumas dessas lideranças que, compartilham suas experiências, ensinamentos e aprendizados em performances coletivas e com as quais tenho buscado interação.

Quadro 1: Informações sobre as entrevistadas

ENTREVISTADAS	IDADE	LOCAL DE MORADIA ATUAL	INSTITUIÇÃO	IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA NO TEXTO
Viviane Rodrigues	45	Sudeste	RECEN	VR
Célia Regina Cristo de Oliveira	55	Sudeste do Brasil	RECEN	CO
Patrícia Dias	50	Sudeste	Projeto de Integração Étnica Racial - PIER	
Angélica Lemos	35	Sudeste	Coletivo Mulheres de Herança artesã	AL
Bia Carvalho	45	Sudeste	Coletivo Terra Assentamento Terra Prometida Amapá/ entre os municípios de Duque de Caxias e Nova Iguaçu	BC

Fonte: Registros da autora

O enredamento da RECEN com a Rede Ananse, Rede de Mujeres Afrolatinas e (Afrocaracolas, atende à questão da internacionalização da pesquisa e tem permitido ampliar a compreensão desse desenho. Compartilhar problemas e soluções, em países distintos de

América Latina é uma exigência para quem deseja intervir nas comunidades de base. Faz diferença adotarmos referenciais que nos levem a percepções urgentes sobre diáspora africana e contextos indígenas dominados. Para Kabengele Munanga,

[...] a história de um povo é o ponto de partida do processo de construção de sua identidade, além de outros constitutivos como a cultura, os comportamentos coletivos, a geografia dos corpos, a língua, a territorialidade etc. Não é por acaso que todas as ideologias de dominação tentaram falsificar e destruir as histórias dos povos que dominaram. A história da África na historiografia colonial foi negada e quando foi contada o foi do ponto de vista do colonizador. Da mesma maneira, a história do negro no Brasil passou pela mesma estratégia de falsificação e de negação e quando foi contada o foi do ponto de vista do outro e de seus interesses (Munanga, 2015, p. 31).

São esses alguns argumentos que indicam o tipo de desafio colocados para populações situadas à margem, e que se movimentam nas bases, no âmbito da América Latina e Caribe.

2 MOVIMENTOS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA: Inspirações para a Psicossociologia

Nessa pesquisa, ganha força a ideia de organização nas bases e a perspectiva de trabalho comunitário. Nesse sentido a complexidade do conceito comunidade atravessa nossos achados políticos, por assim dizer. Sobre isso Raquel Paiva (2007) elaborou importantes argumentos. Em “O retorno da comunidade: os novos caminhos do social”, a autora discorre, conjuntamente, sobre os significados e reelaborações do termo comunidade para pensar a comunicação comunitária e assim, indica alguns aspectos orientadores pra Psicossociologia. O pano de fundo é a organização social e suas demandas mais recentes.

Já com a leitura do texto “Psicossociologia desde a América Latina”, pode-se entender a demanda existente para maior aproximação com as comunidades envolvidas em projetos de saúde mental, no contexto latino-americano e caribenho. As análises apresentadas dão conta do ir e vir político e epistemológico onde a realidade dura, enfrentada dia a dia se impõe, e interfere no tipo de engajamento dos grupos interessados:

A psicossociologia surge na Europa inspirada em estudos da psicologia social, com uma perspectiva psicanalítica e desenvolvimentista e, também influenciada pelos estudos sociológicos de dinâmicas grupais. Embora na América Latina a psicossociologia tenha inicialmente seguido os rastros daquela de origem européia, destacadamente a francesa (e posteriormente também a estadunidense), há que se apontar a relevância da psicologia social crítica neste contexto que floresce com a crise da psicologia social e a Reforma Psiquiátrica nos anos de 1960’ e 1970’, historicamente constituída na América Latina como Psicologia Sócio-Histórica, com Silvia Lane (PUC/SP), e como Psicologia Comunitária Latino-americana, tendo como referência Martín Baró e Maritza Monteiro. Este levante contou fortemente com o diálogo produzido por outros movimentos críticos da época, como a Pedagogia Crítica de Paulo Freire e a Pesquisa Ação-Participante de Orlando Fals Borda, delineando nitidamente a psicossociologia como um campo interdisciplinar de conhecimento (Takeiti *et al*, 2022, p.1).

Para quem deseja entender a força dos Movimentos Sociais, na região, faz diferença observar as interconexões que foram alcançadas, entendendo atravessamentos diversos:

Nas últimas décadas, a psicossociologia vem se constituindo e se consolidando a partir de produções próprias, enquanto campo de conhecimento inter e transdisciplinar dentro da grande área das Ciências Sociais e Humanas, voltado para a composição de saberes e tecnologias que venham ao encontro dos problemas contextualizados e localizados na experiência dos países latinoamericanos, tanto em sua diversidade cultural e geopolítica, quanto em suas confluências enquanto povos colonizados. Neste sentido, também assume o estudo das relações coloniais desde uma perspectiva contra hegemônica. Interrogar a psicossociologia nos exige movimentações contra hegemônicas (Takeiti *et al*, 2022, p.2).

Perseguição, narcotráfico, feminicídio são alguns dos problemas que as populações mais pobres seguem enfrentando nos diferentes países do referido contexto. A Psicossociologia está convocada a enfrentar, compondo redes dialógicas, todos os fenômenos que se relacionam

com as violências acima elencadas. Sendo assim, estudiosos de referência, para o campo progressista, se destacam em uma mesma linha do tempo. Maritza Montero (Venezuela), Ignacio Martín-Baró (El Salvador) e Maria Inácia D'Ávila Neto (Brasil), se juntam a Paulo Freire (Brasil) e Orlando Fals Borda (Colômbia). Para Daniel Renaud Camargo *et al* (2021, p.4) é uma exigência “refletir sobre uma lógica contra hegemônica e descolonizadora da Psicossociologia”. Além disso observa-se que o argumento central gira em torno da ideia de que:

[...] “a Psicossociologia com comunidades” deve empenhar-se para fortalecer os encontros e promover confluências, engendrando processos de produção coletiva de conhecimentos contextualizados e críticos sobre as realidades comunitárias (Camargo *et al*, 2021, p. 15).

Conforme Andrés Donoso Romo,

La teología de la liberación tomó cuerpo en la década de 1960 producto del afán de algunos sectores religiosos latinoamericanos interesados en propiciar una toma de posición, por parte de la Iglesia, respecto de los procesos emancipadores que se estaban llevando a cabo en el continente. Sus adherentes entendían, en lo medular, que en América Latina la lucha estaba desatada y que la Iglesia debía establecer alianzas con los sectores populares, pues el no hacerlo significaría posicionarse en su contra. Los grupos de creyentes que compartían estas percepciones entendían, como las miles de comunidades de base esparcidas por todo el continente (solo en Brasil llegaron a haber alrededor de ochenta mil de estas organizaciones a fines de la década de 1970), que era el modelo imperante, a través de las constricciones que imponía y de las enfermedades que favorecía, el que los mantenía cautivos y que, por este motivo, había llegado el momento de acabar con el silencio Andrés Donoso Romo 62 cómplice que mantenía la Iglesia. Razonamiento que llevó a una fracción importante a entender que la pobreza era tanto un problema estructural como un pecado inaceptable. Es necesario hacer notar que la teología de la liberación también compartía muchos postulados con otras corrientes contrahegemónicas, esas mismas perspectivas que quienes promovían el concepto de desarrollo intentaban contrarrestar. Por ello es que quienes adscribían a la teología de la liberación, como también ocurría en el caso de quienes suscribían perspectivas descolonizadoras o dependentistas, aspiraban a contribuir a esa ruptura total con el sistema imperante. Solo así, entendían, se podría gestar esa nueva sociedad donde no tuviera cabida la opresión, tampoco la dominación (Romo, 2023, pp 61-62).

O autor promove um panorama propício para se compreender as urgências que vimos destacando em nossas pesquisas colaborativas com países da região.

Também Miranda, Pereira e Camilo são enfáticos quando analisam as teorias que mobilizaram os movimentos sociais na América Latina e Caribe. Mencionam pensadores que se converteram em referência para a luta emancipatória, com destaque para Paulo Freire:

A presença de intelectuais como Paulo Freire superou fronteiras geográficas e foi decisiva para se difundir a Educação Popular e, pelas interações existentes nesse campo filosófico e pedagógico, nota-se resultados de impacto. Já se estabeleceu uma perspectiva de formação política que o autor defendeu e impulsionou, tomando como eixo a dialogicidade e o acolhimento das manifestações populares. Suas abordagens e teses influenciaram a organização de lideranças e produtores culturais, oriundos de comunidades de base. Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 2005) se constitui em um divisor de águas na linha do tempo da sua teorização. Entendemos que o crescente *ethos* descolonizador, que já interpenetra o campo da produção científica, vem desse

corpus filosófico desenvolvido em redes dialógicas, onde os movimentos de base deram o tom (Miranda *et al.*, 2023, p.8).

Sobre as teorias que deram a base para a criticidade, no âmbito dos movimentos sociais (Pedagogia do Oprimido, Teoria da Libertação, Teoria da marginalidade e Colonialidade do Poder) Rita Laura Segato aponta:

Estas teorías, por su capacidad de iluminar recodos que no pueden ser alcanzados sino por una mirada localizada - aunque lanzada sobre el mundo -, por su novedad y rendimiento en el viraje de la comprensión que instalan en sus respectivos campos han, además, realizado esa hazaña sin acatar las tecnologías del texto de la tradición anglosajona ni de la tradición francesa, que dominan el mercado mundial de ideas sobre la sociedad a partir de la segunda mitad del siglo XX, y sin sumisión a la política de citación dominante, a la lógica de la productividad en términos editoriales, al *networking* que condiciona el acceso a los *journals* de más amplia circulación, o a la impostura de la neutralidad científica (Segato, 2013, p. 35).

Os movimentos sociais de referência disputam significados e reelaborações do termo comunidade. Na América Latina deram escopo para o incremento das correntes filosóficas e políticas, em destaque no argumento de Segato.

Em acordo com as referências acima incluídas importa acrescentar o campo dos Feminismo Negros, no conjunto de correntes e teorias acima privilegiadas. Sônia Beatriz dos Santos estudou a insurgência das organizações de mulheres negras e concluiu que:

Uma análise acurada sobre a história contemporânea do movimento de mulheres negras brasileiras nos permite identificar a complexidade desses objetos de lutas, originados a partir de questões sociais, políticas e econômicas. São também esses objetos de lutas os motivos que levariam na década de 1970 uma grande parte das mulheres negras a emancipar-se dos movimentos feminista e negro, fundando o feminismo negro no país (Santos, 2009, p.276).

Daí pode-se observar o que foi realizado no Brasil por intelectuais orgânicas criativas e corajosas, que estiveram/estão presentes nos territórios mais desafiadores do país. Para Miranda, Pereira e Camilo,

Mesmo em ambientes hostis, coletivos em deslocamento estão re-existindo em uma sociedade marcada pelas assimetrias de poder. Podemos afirmar que o ordenamento brasileiro se alinha com uma perspectiva que reforça relações excludentes. Nesse âmbito, as IES passam a ganhar destaque pelos rearranjos a serem promovidos, deslocando das margens para o centro abordagens que ficaram silenciadas por longos períodos. A meta, portanto, é superarmos um tipo de “museu conceitual” onde não estão presentes os aportes advindos das populações que travam batalhas diárias e que reinventam percursos historicamente proibidos. E é justamente nessas itinerâncias vivenciadas nas bases que localizamos o oxigênio para as pesquisas no campo das Ciências Sociais (Miranda *et al.*, 2023, p. 20).

Conforme o destacado, acima, o Brasil é um conjunto de problemáticas alinhadas com o desejo de manutenção da “ordem colonial”. Claudia Miranda destaca alguns traços desse desejo:

As narrativas das mídias televisiva e impressa carregam uma das mais eficazes formas de representação de um ideal subalterno. Seja no continente africano ou em outras partes do Terceiro Mundo, a imagem dos corpos que circulam nos meios de comunicação, para além dos recursos televisivos, evidencia um modelo civilizatório a partir das imagens construídas daqueles representados como fora de uma normalidade. Sobre esta questão, nos debruçaremos com cuidado, ampliando nossas asserções para apreender as idiosincrasias dos espaços de legitimação dos saberes no âmbito das universidades. Interpretadas como um outro grande intelectual⁹¹, assim como a mídia o é, ela compõe sobremaneira a engrenagem deste ideal subalterno. Observamos, no caso da mídia, representações simbólicas eficazes no processo de convencimento da referência de humanidade (Miranda, 2006, p.84).

O campo progressista, da América Latina, tem sido desafiado a pensar suas formas de intervenção diante de tudo que foi aprendido com os efeitos da crise sanitária global. Discursos negacionistas, armamentista e identificados com a necropolítica, tomaram a cena e são replicados, diariamente. Notadamente, o discurso midiático está afetado por esses modos de manifestação em prol de uma gramática da exclusão/eliminação.

3 ESTUDOS SOBRE REDES: em busca de um referencial teórico

Apresento questões a serem problematizadas, também, no campo da Psicossociologia com/de Comunidades, em função da produção de traumas, já indicadas por Grada Kilomba (2019), nos estudos sobre o racismo e processos anticoloniais, na vida cotidiana. A autora assume algumas demandas, como o incremento de uma nova linguagem, e parte de um glossário minucioso, onde as categorias “sujeito”, “objeto”, “negras/os”, “outras/os”, “mestiça/o, mulata/o, cabrita/o” “escravizada/o” e “subalterna”, são centrais.

Importa examinar a atemporalidade do racismo cotidiano tendo em vista que este incorpora uma cronologia que é atemporal: “A combinação dessas duas palavras “plantação e “memória”, descreve o racismo cotidiano não apenas como a reencenação de um passado colonial, mas também como uma realidade traumática, que tem sido negligenciada” (KILOMBA, 2019, p. 29). A identificação que busco tem a ver com o que sugere Martin-Baró:

A injustiça estrutural, as guerras revolucionárias e a satelitização nacional nos permitem caracterizar, em linhas gerais, a situação atual da América Central e oferecem-nos assim esse contexto histórico frente ao qual e no qual devemos definir o papel que corresponde ao psicólogo desempenhar (Martin-Baró, 1996, p.12).

Sua localização como um sujeito em trânsito, engajado nas lutas por justiça dá o tom da pesquisa proposta. Pensar sobre movimentos insurgentes requer compromisso com a comunidade, mas sobretudo reconhecimento das suas formas de participar politicamente. Existe, aqui forte influência de Paulo Freire e esse é um dos pontos que assumo como investigadora das comunidades de base. Em a “Pedagogia do Oprimido” o autor enfatiza:

A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem. Não é também a liberdade um ponto ideal, fora dos homens, ao qual inclusive eles se alienam. Não é ideia que se faça mito. É condição indispensável ao movimento de busca em que estão inscritos os homens como seres inconclusos (Freire, 1978, p.35).

O trabalho de María Cristina Martínez Pineda (2012), na Colômbia, sobre movimentos pedagógicos de professoras/es, se constitui como um primeiro referencial para se entender as culturas organizacionais, dos movimentos de profissionais da educação. Ao pensar com a autora:

[...] mantenemos activo el sueño de una versión contemporánea del Movimiento pedagógico Latinoamericano tejido y sostenido por las redes y colectivos de maestros que trabajan juntos a lo largo y ancho del continente. Movimiento que agencie, exprese y haga efectivas múltiples formas de resistencia a las retóricas del mercado que se han instalado como las decisorias en los sistemas educativos (Martinez Pineda, 2012, p.9).

Os fóruns nos quais participamos, a partir da “Rede pedagógica latino-americana e afro-caribenha”, favoreceram vinculações profícuas. Em linhas mais gerais, é central a cartografia sobre a emergência de movimentos e redes colaborativas em um contexto marcado por crises profundas onde lideranças comunitárias estão em risco.

Quando se observa a movimentação já existente nos países do entorno, passamos a localizar, por exemplo, o legado das organizações de mulheres intelectuais orgânicas, responsáveis pela dinâmica de outras iniciativas potentes.

Importa destacar que as redes abaixo, são referências para o que pensamos como possibilidade de reflexão coletiva:

- Red Ananse (Bogotá)
- Red Tertúlia de Mujeres Afrolatinoamericanas (Buenos Aires)
- Rede Carioca de Etnoeducadoras Negras (Rio de Janeiro)
- Agbalá
- Afroencantamento

Esses são fóruns permanentes, são coletivos de referência para a pesquisa e, ao conhecer as respectivas propostas, as conexões foram se dando e, nesse mesmo movimento, prioriza-se alguns contatos efetivos com interlocutoras/es partícipes desses processos. Com essas agrupações, encontramos outras conformações e sentido comum para recuperar o que destaca Raquel Paiva (2003) sobre o conceito de “comunidade”:

Há um misto de polêmica, equívocos e descaso quanto à propriedade do conceito de comunidade. Por exemplo a sociologia e a psicologia parecem aceitar a justeza dos termos ao se referirem a toda uma forma de sociabilidade e funções sociais, principalmente em sociedades não capitalistas. Reconhecem que a utilização do conceito representa já uma crítica à sociedade da racionalidade, do trabalho alienante e alienado (Paiva, 2003, p.68).

A autora ressalta limitações do campo dos referidos campos. Absorver outros modos de resistir, depende de uma penetração social e política densa e nos exemplos que incorporamos aqui, sobre as lutas, parece ser pautada nas ausências e pauperização. Indo além do conceito de comunidade, o que se pretende é dar visibilidade aos processos de emancipação e retomada da vida em comunidade.

Dito de outro modo, as táticas de resistência dos movimentos em rede não podem deixar de fora o legado latino-americano. Agregamos, a partir dessa defesa, perspectivas voltadas para

rupturas fundamentais e são esses alguns aspectos relevantes para a compreensão sobre os processos de re-existência em redes colaborativas.

Justamente por isso, uma das referências para essa pesquisa é a conformação da **Red de Mujeres Afrolatinoamericanas, Afrocaribeñas y de la Diáspora** (ARMAAD). Em sua página², aparece a seguinte definição:

La Red de Mujeres Afrolatinoamericanas, Afrocaribeñas y de la Diáspora es un espacio de articulación y empoderamiento de las mujeres afrodescendientes para la construcción y reconocimiento de sociedades democráticas, equitativas, justas, multiculturales, libres de racismo, de discriminación racial, sexismo y de exclusión, y promoción de la interculturalidad.(ARMAAD, 2018).

Foi em 1992 que a ARMAAD iniciou sua intervenção visando agregar mulheres envolvidas com a agenda de luta por justiça social. Dessa conformação territorial, outras inúmeras foram iniciadas. O Brasil não está fora dessa experiência tendo em vista a colaboração existente desde a década de 1990, envolvendo feministas afro-brasileiras, afro-colombianas, afro-uruguaias, afro-argentinas, afro-cubanas, dentre outras.

Para tratar do objeto de pesquisa aqui apresentado, é importante mencionar minha posição como idealizadora da RECEN no âmbito da extensão universitária, na UNIIRO Como estudante da faculdade de educação, pude acompanhar alguns projetos e apoiar iniciativas diversas como a organização de seminários e congressos. Foi possível observar como a concepção de trabalho colaborativo e em rede, impactou as idas e vindas, de algumas estudosas, da Faculdade de Educação com Carmen Sanches e Claudia Miranda, ambas responsáveis por pesquisas com a América Latina.

Na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, conformamos um grupo que impulsionou uma proposta de extensão pautada na colaboração universidade-escola. Sendo assim, foi decisivo aceitar coordenar um projeto que defino como “de acolhimento”. Sua criação tem sido de grande relevância para a formação de professoras, para o fortalecimento identitário de estudantes negras e ainda, para influenciar outras agrupações como o Afro encantamento e o Agbalá.

Nessa esteira, as redes passaram a reinventar suas histórias profissionais e acadêmicas. O percurso feito em rede é sobretudo, dialógico. Na RECEN, incluímos a América Latina como

² ARMAAD. Quienes somos. Managua, Nicaragua. 2018. Disponível em: <http://www.mujiresaafro.org/sobre-nosotras/quienes-somos/>

locus de interação e assim tem sido importante conhecer e reconhecer o trabalho de outras redes potentes. Ganha destaque a Red *Ananse* (Bogotá) e suas lideranças como é o caso de Fanny Milena Quiñones Riascos, pesquisadora de destaque na temática das relações étnico-raciais em todo o país.

Nessa agenda de (des) aprendizagens e de (re) aprendizagens localizamos as tramas de nossas memórias contra hegemônicas, que se cruzam na subjetividade atemporal. Com essas premissas e modos de pensar a intervenção no campo da educação, se deu, em 2015, a criação da RECEN, rede analisada nesse projeto, como ‘rede semente’.

O processo de criação e desdobramentos da RECEN, entre outras conquistas, possibilitou o contato direto com pesquisadoras/es de reverência no campo dos estudos decoloniais na América Latina - como é o caso de Catherine Walsh, Santiago Arboleda Quinõnez, Fanny Milena Riascos e Ruby Quinõnez Riascos. Além de participações em Rodas de Conversas de eventos internacionais, a interação que tenho tentado garantir perpassa a formação do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO, 2022). Foi possível participar com apresentação de trabalho e assim ter maior contato com as redes já existentes na região. Do mesmo modo, a colaboração com a Red *Ananse* (2021), com a *Agrupación Xangô* (2021) acompanhando rodas de conversa (Buenos Aires, 2019).

Abaixo, apresentamos um quadro indicando quais perfis das palestrantes que foram convidadas para abrir os encontros anuais da RECEN:

I Encontro da Rede Carioca de Etnoeducadoras Negras
Profa. Doutora Joselina da Silva – UFRRJ

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Foi estudante do curso intensivo Interrogating the African Diáspora - Flórida International University (2004). É uma das redatoras dos verbetes relacionados à raça, ao racismo e ao movimento negro, na Enciclopédia Contemporânea da América Latina e do Caribe (2006).

Foi membro do conselho consultivo e da equipe de redação de textos da Enciclopédia Mulheres Negras do Brasil (2007). Foi a segunda vice-secretária da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN/2006 – 2008). Coordena o N'BLAC (Núcleo Brasileiro, Latino-Americano e Caribenho de Estudos em Relações Raciais, Gênero e Movimentos Sociais), certificado pelo CNPQ. Foi Bolsista de Produtividade em Pesquisa (BPI) - pela FUNCAP. Foi Coordenadora Geral do Centro Nacional de Informação e Referência da Cultura Negra/CNIRC - Fundação Cultural Palmares (2014).

Orienta mestrado e doutorado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC) e no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc), da UFRRJ. É professora associada da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Pós-doutorada pela Pontifícia Universidade Católica do Peru (PUCP).

Pesquisa relações raciais, mulheres negras, violência contra a mulher, movimento social negro e antirracismo.

II Encontro da Rede Carioca de Etnoeducadoras Negras
Profa. Doutora Sheila Dias Almeida (UFOP)

Professora da Universidade Federal de Ouro Preto. Assistente Social (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ). Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGS/ ESS/UFRJ). Mestre em Serviço Social pelo programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSS/ESS/UFRJ).

Tem experiência na área de Serviço Social, com ênfase nas áreas de políticas sociais, relações raciais e de gênero.

Pesquisa dimensão cultural dos processos de construção de identidades coletivas; movimentos sociais urbanos e rurais e as relações com o Estado e o mercado; cultura política, ações coletivas e as instituições; participação popular nas esferas de poder e a cidadania; bem como as relações de classe, violência de gênero, raça e trabalho.

III Encontro da Rede Carioca de Etnoeducadoras Negras
Profa. Doutora Sônia Beatriz dos Santos (FEBF-UERJ)

Perfil: *É Professora Adjunta da Faculdade de Educação, Departamento de Ciências Sociais e Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense/FEBF-UERJ; é professora do Programa de Pós-graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva (PPGBIOs - Programa em associação com UFRJ, FIOCRUZ, UERJ, UFF); e Pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da UERJ.*

Pós-doutora em Raça, Gênero e Política Pública, pelo Hubert H. Humphrey Institute of Public Affairs, University of Minnesota (2008-2009).

É Ph.D. em Antropologia Social pela University of Texas at Austin (2008) com especialização em Diáspora Africana; e Mestre em Sociologia com concentração em Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000).

Integra os grupos de pesquisa: 1) Eleko: histórias, culturas e experiências formativas (UERJ) e 2) Educação, Diversidade e Religião (UFF). Pesquisadora do Programa Jovem Cientista do Nosso Estado – 2019 da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ.

Pesquisa Antropologia, Diáspora Africana e Epistemologias; Black Feminist Anthropology (Antropologia Feminista Negra); Anthropology of Afro-Latin America and the Caribbean (Antropologia Afro-Latino Americana e Caribenha); Movimento de Mulheres e Feminismo (em especial relacionados as mulheres negras); História Intelectual das Mulheres Negras; Família Negra; Desigualdades Raciais e de Gênero (foco em mulheres); Desigualdades em Educação e Saúde; Educação em Saúde (foco em Saúde da População Negra e Gênero). Áreas de Conhecimento: Antropologia, Antropologia das Populações Afro-Diaspóricas, Antropologia Afro-Latino Americana e Caribenha, Antropologia e Gênero, Antropologia Feminista Negra, Antropologia e Educação,

Sociologia, Sociologia da Educação, Desigualdades Raciais e de Gênero, Estudos de Gênero, Estudos Feministas, Estudos da Diáspora Africana, Relações Étnico-Raciais, e Ciências Sociais em Saúde.

IV Encontro da Rede Carioca de Etnoeducadoras Negras
Profa. Doutora Núbia Regina Moreira (UESB)

Perfil: Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - (UESB) e docente permanente do Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1995) e mestrado em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (2007) e Doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília (2013). Realizou Estágio Pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPED-UERJ), como bolsista PNPD-CAPES.

Líder do Grupo de Pesquisa Observatório de Mulheres Negras (UESB), pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Práticas Curriculares e Educativas (GEPPCE- UESB). Membro da Associação Brasileira de Currículo (ABdC), da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) e Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN).

Faz parte da equipe editorial da Revista *Práxis Educacional*. Autora do livro *A Organização das Feministas Negras no Brasil*.

Pesquisa produção cultural de mulheres negras, feminismo negro, trajetórias sociais, teoria e política feministas; teoria sociologia; teoria e política curriculares.

V Encontro da Rede Carioca de Etnoeducadoras Negras
Profa. Doutora Patrícia Elaine Pereira dos Santos

Perfil: Professora adjunta da UERJ/ Faculdade de Formação de Professores (Departamento de Educação) atuando na área de didática, pesquisa, prática de ensino e debates raciais.

Tem experiência na área de Educação, com ênfase no currículo, atuando principalmente nos seguintes temas: escola e universidade, juventude de origem popular, relações raciais e extensão universitária.

Graduada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2002); O mestrado (2008) e doutorado (2014) em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

VI Encontro da Rede Carioca de Etnoeducadoras Negras
Profa. Doutora Jane Santos Silva

Perfil: Professora Adjunta da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), do Departamento de Fundamentos da Educação da Escola de Educação. Atua no Mestrado Profissional em Ensino de História da UNIRIO - ProfHistória. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia e História da Educação.

Atua em pesquisas das seguintes temáticas: história da educação pública, formação de professores e difusão científica, História e filosofia afrodescendente, crianças e jovens em situação de risco e violência.

Observa-se que foram convidadas intelectuais-ativistas reconhecidas pelo seu papel na luta antirracista. Notadamente, é uma rede com liderança de mulheres. Sabemos que a história da luta feminista e negra quando examinada na perspectiva interseccional - que envolve questões de raça, gênero, classe e sexualidade -, pode nos reorientar no entendimento das demandas e lutas mobilizadoras. A partir dessas diferentes camadas, são impactadas por diferentes mecanismos de subalternização que tem a ver com esses fenômenos - sexismo, racismo e desigualdades sociais.

No caso da Rede Carioca de Etnoeducadoras Negras (RECEN) foi inevitável performar indo além do território nacional. Na atualidade, o fórum permanente faz parte do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais³ (CLACSO) do Movimento de Libertação Afrodescendente e Indígena⁴ (BILM).

Conforme Miranda, Pereira e Camilo

No ano de 2020, no Equador, com o objetivo de gerar uma agenda conjunta de princípios e valores nos quais as comunidades indígenas e negras de todo o continente concordem, uma coalizão denominada "Movimento de Libertação Negra e Indígena (BILM) foi criada. É importante afirmar que o BILM está orientado a apoiar o trabalho de comunidades, organizações de base e movimentos sociais que lutam pela diversidade, inclusão, equidade, não discriminação e justiça climática e com seu Programa de Estudos "Território em Re-existência Antirracista" quer promover a formação política e ampliar a adesão de nossa juventude no contexto da América Latina e Caribe (Miranda *et al*, 2023, p. 18).

Os propósitos do BILM se alinham com os objetivos apontados pela RECEN. Nos seus subprojetos, a rede carioca faz indicações de ações realizadas com coletivos e agrupações diversos lideradas por jovens educadoras, atuantes nos territórios a saber:

Plataforma Redes Etnoeducadoras tiene, como compromiso, ayudar a proteger las niñas, adolescentes y mujeres negras - cis y trans - en situación de vulnerabilidad. Como colectivo, la Rede Carioca de Etnoeducadoras Negras sigue monitoreando acciones diversas en el país que estén alineadas con las demandas más urgentes por justicia y mayor movilidad socioeducativa (RECEN).

Nota-se alguns importantes aspectos que orientam o projeto de intervenção. Sobre isso, caberia observamos o que consta em *Más allá de un cuento de hadas: resistencia y otros aprendizajes para la historiografía de la diáspora africana* (Miranda, 2019, p.29): “La dominación occidental se ha valido de herramientas alienantes y la “historia”, como un campo disciplinar, es responsable de negar la existencia de cosmovisiones múltiples, de filosofías y

³ Ver em www.clacso.org.

⁴ Ver em <https://www.blackindigenouliberation.com/pt/unete-a-bilm>

procesos estéticos también diversos”. Como coordenadora da RECEN, Miranda tem sido responsável pelo seu alinhamento com grupos da América Latina como é o caso da Corporación Red de Ananse (Colômbia), Agrupación Xangó (Buenos Aires) entre outras.

No caso da Corporación Red Ananse, seguimos o que aponta Danielle de Deus França Gomes Galvão Vaz:

No levantamento realizado, a Red Hilos de Ananse está presente como uma das redes pertencentes aos coletivos de mobilização pela Colômbia. A seu lado aparecem coletivos e/ou redes tais como: Movimiento Expedición Pedagógica Nacional (EPN), Red Latinoamericana para la transformación docente en lenguaje, Red CEPE, Mesa de movilización social por la educación, Red Chisua, RED tejiendo sueños y realidades, RED Tulpa Educativa de Territorios Sur Bakatá, RED Sinapsis e RED Reats. Notadamente, as articulações entre pares caracterizam outra condição de pensar as pedagogias latino-americanas (Vaz, 2017, p. 20).

Na página de divulgação da Red Ananse consta o seguinte:

Somos maestros comprometidos con la transformación de la escuela, para que desde la reflexión pueda dejar de ser pensada como un espacio homogeneizante, excluyente, machista y con doctrinas religiosas que se fundamenta en la fe ciega; y con una sola etnia. Luchamos por una escuela que reconozca las diferencias étnicas y culturales, que construya procesos de alteridad e interculturalidad. Respetuosa de las ciencias, saberes y conocimientos ancestrales, que han permitido vivir por años al pueblo afrocolombiano. Somos una red de maestras y maestros pedagógica, cultural y política que busca la construcción de otras lógicas de pensamiento que desde su hacer pretende recuperar y construir propuestas metodológicas ancestrales que utilizaron nuestros mayores y abuelos para vivir en armonía con la naturaleza. Somos maestros activistas que busca que la política pública tenga un sentido social sobre los individuos a los que ella recae (Red Tras los Hilos de Ananse, 2009).

Pode-se observar o quanto é decisivo fazer a crítica descolonizadora em redes colaborativas. Alguns importantes projetos se tornam referência para nossa conversa sobre redes analisadas, aqui como uma forma específica de organização nas bases das sociedades do nosso contexto. Vaz acrescenta:

Tanto a Red Hilos de Ananse como a Rede Carioca parecem preocupar-se com uma postura visando à horizontalidade nas relações, sendo este um traço marcante e de fortalecimento de suas identidades de coletivo. Observa-se a valorização dos saberes ancestrais e daquilo que é próprio ao coletivo. Desta forma, observamos o protagonismo e uma liderança marcada pelo ativismo em ambas as iniciativas. As redes de educadores e intelectuais na América Latina se apresentam como uma movimentação de insurgência, resistência e emancipação. A formação destas redes nos mostra como as perspectivas de esforços mais individuais vem perdendo espaço para a formação do trabalho coletivo, principalmente para os grupos periféricos, justamente pelo fortalecimento e pelo fortalecimento mútuo que tais configurações favorecem (Vaz, 2017, p. 62).

A autora nos indica a importância de compreendermos as urgências por visibilidade para tais agrupações. Em “Etnografando a ‘Red de Ananse’: Política, Pesquisa e Espiritualidade Afro-colombianas”, Luis Guillermo Meza Alvarez (2014, pp. 4-5) nos oferece uma importante

cartografia sobre o *modus vivendi* de uma agrupação que influencia a criação da Rede Carioca de Etnoeducadoras Negras (RECEN), a saber:

A Red de Ananse é um coletivo de docentes organizados na forma de ‘rede pedagógica e política’, além de ‘pesquisadores’ (em outra época o nome incluía ‘etnoeducadores’) que procuram construir conhecimentos e metodologias, assim como outras lógicas de pensamento por meio do resgate, valorização e visibilização das populações negras/afro-colombianas naqueles espaços em que foram historicamente excluídos, como a escola e a academia. É em Bogotá, capital da Colômbia e que no senso comum é pensada como uma urbe não racializada³, que a Red de Ananse desenvolve seu trabalho. Embora o meio escolar seja o âmbito privilegiado de seus compromissos e das suas ações, essas vão além das salas de aula das escolas públicas, onde trabalha a maioria de seus componentes, e se projeta com variadas intensidades e nuances na vida das docentes (sendo a maioria atualmente composta por mulheres): nas relações com suas famílias, com outros grupos que compartilham de interesses temáticos e pedagógicos afins, com lideranças e organizações do movimento social afro-colombiano, e nos mais diversos assuntos no dia a dia (RECEN).

O conceito de “redes” serviu como um guia indispensável para nossas apreensões. Nos leva a um paralelo entre a ideia de trabalho coletivo e ações descolonizadoras. Passa a ser uma exigência retomarmos os percursos colaborativos que fazem as redes aqui incluídas. Faz sentido perguntar sobre qual a importância das “Redes colaborativas” para o trabalho de intervenção na Psicossociologia? Sobre qual a relação entre Rede de educadoras e a Psicossociologia, no âmbito da América Latina e Caribe?

Como construir uma conexão com a ecologia do ser, no trabalho psicossocial? Sobre as questões que envolvem a "falência da vida orgânica" no planeta, como alcançamos uma intervenção insurgente e que parta das demandas específicas que apresentamos como região? A partir desses questionamentos entendo meu campo como

sendo minha própria performatividade em contato direto com outras ativistas, tecendo (por dentro e por fora), os fios de nossas estratégias para seguir re-existindo, reinventando o ativismo, enquanto reinventamos nossas próprias jornadas. Porque eu sou partícipe de experiências em rede. São essas algumas questões iniciais sobre as inúmeras formas de começar um trabalho que é de alguma forma também autobiográfico.

Alguns aspectos da reflexão psicossocial que pretendo explorar saem da leitura realizada via o grupo de pesquisa do qual tenho feito parte. Conheci Inácio Martins Baró⁵ e localizei sua proposição de fundo. Foi central pensar com as provocações que faz sobre o compromisso com os grupos excluídos pela colonização. Está situado como ícone de luta e re-existência na

⁵ Filósofo, sociólogo, psicólogo e marxista, foi assassinado na universidade, dentro de seu laboratório em El Salvador.

América central. Trata-se de um pensador da psicologia latino-americana que defendeu um quadro teórico de grande relevância para pensar as demandas específicas da região. É uma referência no campo da psicologia social e da Psicossociologia e, por sua densidade, passa a ser central nesse estudo. Em seus termos,

O que importa não é tanto saber codificar e decodificar palavras estranhas, mas aprender a dizer a palavra da própria existência, que é pessoal mas, sobretudo, é coletiva. E, para pronunciar esta palavra pessoal e comunitária, é necessário que as pessoas assumam seu destino, que tomem as rédeas de sua vida, o que lhes exige superar sua falsa consciência e atingir um saber crítico sobre si mesmas, sobre seu mundo e sobre sua inserção nesse mundo. O processo de conscientização supõe três aspectos: a. o ser humano transforma-se ao modificar sua realidade. Trata-se, por conseguinte, de um processo dialético, um processo ativo que, pedagogicamente, não pode acontecer através da imposição, mas somente através do diálogo. b. Mediante a gradual decodificação do seu mundo, a pessoa capta os mecanismos que a oprimem e desumanizam, com o que se derruba a consciência que mistifica essa situação como natural e se lhe abre o horizonte para novas possibilidades de ação. Esta consciência crítica ante a realidade circundante e ante os outros traz assim a possibilidade de uma nova práxis que, por sua vez, possibilita novas formas de consciência. c. O novo saber da pessoa sobre sua realidade circundante a leva a um novo saber sobre si mesma e sobre sua identidade social. A pessoa começa a se descobrir em seu domínio sobre a natureza, em sua ação transformadora das coisas, em seu papel ativo nas relações com os demais. Tudo isso lhe permite não só descobrir as raízes do que é, mas também o horizonte do que pode chegar a ser. Assim, a recuperação de sua memória histórica oferece a base para uma determinação mais autônoma do seu futuro (Martin-Baro, 1996, p.16).

O chamamento realizado pelo autor é evidente. Acrescenta que a conscientização não consiste em uma simples “mudança de opinião sobre a realidade, em uma mudança da subjetividade individual que deixe intacta a situação objetiva; a conscientização supõe uma mudança das pessoas no processo de mudar sua relação com o meio ambiente” (ibidem).

Movimentos insurgentes são promotores de outras concepções de itinerário e assim, sou convocada pela Natureza, a uma percepção de sentidos outros, estabelecendo *links* com raízes, árvores, plantas, ervas, pedras, terra preta, marrom, vermelha, há uma conversa íntima com o som da água e dos pássaros, o movimento dos animais, o sussurro do vento, o caminhar do rio, o abraçar das ondas do mar, a força do fogo. Esse fluxo natural está na centralidade da minha vida, define minha espiritualidade e não se dissocia da minha produção intelectual/acadêmica. Portanto, o trabalho que apresento comporta essa perspectiva agregadora e anticolonial. Em diálogo com Achille Mbembe, aprende-se sobre o que desafia as conquistas por direitos sociais. Ao mesmo tempo é urgente denunciar as formas de invisibilização dos grupos transformados em “coisas”. O autor apresenta necropolítica/necropoder dentro do seu quadro interpretativo:

[...] propus a noção de necropolítica e necropoder para explicar as várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, armas de fogo são implantadas no interesse da destruição máxima de pessoas e da criação de “mundos de morte”, formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a

condições de vida que lhes conferem o status de “mortos-vivos” (Mbembe, 2016, p.146).

As pesquisas atuais não podem desconsiderar tais fenômenos. Esses aportes indicam o que se pode destacar dentre os temas mais desafiadores para Psicossociologia. Também sob influência de Santiago Arboleda Quiñonez (2016, p. 250) entendo que é urgente: “la experimentación y exploración de maneras de abrir y transformar las democracias, revaluando sus injusticias, teniendo como opción indispensable la construcción y consolidación de ciudadanías transmodernas “desracializadas”, afianzadas en sus etnicidades”. O exposto pelo autor nos convoca à outras críticas sobre a vida clandestinizada.

Betty Ruth Lozano Lerma faz algumas análises de forte impacto sobre o fluxo das mulheres afrocolombianas e indígenas na Colômbia. Esse aporte direciona a apreensão desejada sobre a liderança afro-latina:

Las mujeres que habitan los sectores más pobres de las grandes ciudades son madres que se enfrentan a la doble preocupación por sus hijos varones, cuando estos, sin oportunidades de educación y de trabajo, salen a la calle al “rebusque”. Una madre manifestaba que se angustiaba no sólo por lo que a su hijo pudiera pasarle en la calle, sino también por el daño que él pudiera causar a otras personas, pues las condiciones en que viven gran parte de las familias negras urbanas son un caldo de cultivo para la delincuencia. Pensar la ciudad exige tomar en cuenta las desigualdades sociales en ella presentes. Por lo general se suelen mencionar las secuelas físicas, materiales y sociales del desplazamiento forzado, pero de las psicológicas generadas por el desarraigo cultural se habla poco. Poco se menciona del impacto del racismo en una mujer que tiene que enfrentarlo por primera vez en una gran ciudad (Lerma, 2016, p. 134).

A atualidade dessas análises, é evidente e tomar como parte do referencial teórico para a pesquisa sobre redes colaborativas, ajuda na localização do tema que envolve a região como um todo.

Brasil e Colômbia se destacam nos diagnósticos sobre violência se estado, invisibilidade das demandas por direitos sociais e na inoperância dos órgãos da gestão pública, quando o público-alvo é a população racializada. É justamente na América Latina que encontramos cerca de 200 milhões de pessoas que se auto identificam como afrodescendentes (ONU, 2016). Inserida na agenda de luta contra o racismo me defino como uma educadora, pesquisadora e religiosa. Estou comprometida com mudanças sociais que atravessam a pesquisa acadêmico. Na educação, insiro diferentes referências para o trabalho de formação apostando nas revoluções de crianças e adolescentes. O tambor me influencia, tal como influenciou minha ancestralidade, por ser um instrumento de comunicação não verbal, do campo da psico-acústica.

Comunica a presença dos saberes ancestrais que nos são transmitidos através dos tempos, e que tem sido mencionado por Silvia Rivera Cusicanqui, Aylton Krenak e Antônio Bispo. Sobre tais aspectos, destaco um fragmento da análise feita por Ailton Krenak:

[...] a ética biocêntrica promove políticas e gestões ambientais que se pluralizam em várias frentes. Defendem que a vida, os seres vivos e a Natureza têm valores em si mesmos, que vão além da utilidade para os seres humanos. Não pretendem que as plantas e os animais falem, apresentem-se em tribunais ou formem partidos políticos. Reivindica, em vez disso, que sejamos nós, os seres humanos, que comecemos a escutar, a entender e a aprender com os seres vivos e seus ambientes (Krenak, 2019).

De alguma forma, numa perspectiva ativa e pertencida, as (os) pensadoras (es) acima citadas (os) comungam do que chamo de Pedagogia das convivências, onde a Natureza é a grande Mestra. Ao pensar com suas proposições acerca das coletividades, vê-se a urgência de uma reconexão com os saberes e conhecimentos da Natureza, do simples profundo, do respeito a vida, a todo e qualquer tipo de vida. Com este trabalho me proponho a ***dialogar sobre a relevância que a memória ancestral, placentária, tem sobre nossas ações na Ecologia do Ser, logo na ecologia das comunidades***. Possibilitando uma consciência integrativa, um território cardiocentrado, pois o sentir amplia o pensar reflexivo. Quero com isso legitimar o quanto a ciência do sentir afeta positivamente a consciência do ser para viver de forma comunitária e cooperada. Unindo Educação /psicologia/sociologia, em um diálogo que oferece Cura eco psicossocial no sistema habitado.

Ailton Krenak não dissocia Ser e Natureza. Para ele quanto mais expandirmos a consciência, mais estaremos vivendo habitados e coabitados a Natureza. Há de se ter uma empatia profunda com o entorno. É preciso livrar-se da amnésia ontológica. Faz-se necessário lembra-se de si e acabar de vez com a cisão entre humano e Natureza. Somos uma fusão. Integrar Psicologia, Educação, Sociologia e Arte é criar um espaço de “reparirmos a fluidez de um tecido chamado Vida. A psicossociologia torna-se “Parteira” neste processo.

A proposta de pesquisa se justifica pela importante contribuição a ser oferecida na medida em que aproxima Educação e o campo da Psicossociologia. São áreas que dialogam e se completam. Juntas promovem o alinhavo sensível e necessário para as ações em Redes. Aprendi na interação exigida no meu ofício, que as memórias unem as pessoas em “Cirandas de saberes” e se assim for possível entender, a proposta de Mestrado do EICOS/UFRJ está relacionada com essas outras conformações de pesquisa. Podemos entender que o Programa EICOS se conecta com outras percepções acerca do todo que temos vislumbrado, nas agendas por justiça social e reconhecimento dos fatos sociais e arranjos alternativos. Em linhas mais

gerais, a interdisciplinaridade é uma dimensão chave para quem deseja incidir nas transformações sociais. É fio que alinhava estudos, leituras, cantigas e tantas culturas.

No exercício com as coletividades, a tarefa de apresentar as cores e formas, de alfabetizar, nos leva a perceber como é possível situarmos fissuras para recuperarmos lugares de memória e de pertença social. E dessa esfera que me proponho a tratar na pesquisa aqui anunciada. Em linhas mais gerais analisar as propostas de reinvenção de coletividades soterradas como é o caso das esferas comunitárias recriadas como redes colaborativas onde se disputam a participação social e política no Estado como um todo. Chama a atenção as outras educações nelas ensaiadas. São pedagogias anticoloniais desenvolvidas em territórios conformados a contrapelo e tendo como foco a multidimensionalidade do conjunto de ações desenvolvidas a partir da percepção dos segmentos clandestinizados e, conseqüentemente, desumanizados.

Desde criança, percebi uma forma de significar a realidade que ultrapassava as fronteiras da racionalidade oferecida. Cresci em quintal de Terra, conversando com bisavó, avó e tias avós, que fiavam em Roca de Bambu, e apresentavam diferentes tipos de “encantamentos”, com suas canções e histórias, que moviam até as pedras das “três Marias”. Eram suas memórias pueris. E Ao longo de minha formação em professora, Arte-educadora e Pedagoga, fui expandindo as possibilidades de compreensão da minha prática pedagógica, através das teorias que reverberavam em mim.

E logo percebi a importância da pesquisa como ato transformador e conscientizador no processo de aprendizagem. Diante disso, após quase 35 anos vivenciando a Educação, me sinto instada a compartilhar, através do Mestrado, meu processo de pesquisadora na relevância do trabalho em REDES.

Acreditamos na contribuição que esta pesquisa vai trazer para as rodas de saberes existentes nas comunidades, de terreiros, escolas, praças, nos assentamentos, entre os ribeirinhos, na academia... buscar as Educadoras que se apoiam em Redes de troca e inserção interdisciplinar, anticolonial, comungando sensibilidade/ciência/arte. Em uma perspectiva Psicossocial, Território “cardiocêntrico”, onde o Afronteiramento, agrega a memória que acorda a ancestralidade que nos habita. A “psique social”, reconectada de volta a Natureza.

Para o campo das Ciências Humanas é condição *sine qua non* entender as disputas de narrativas no tempo presente. Aprende-se com Achille Mbembe (2016; 2018) como a necropolítica se torna fundamental no Brasil, por ser uma forma de eliminação do outro colonial. Esse fenômeno da eliminação do outro, se apresenta com sinais dos tempos. Exige de nós outros posicionamentos, nos reconecta e nos convoca a reagir.

A psicossociologia surge na Europa inspirada em estudos da psicologia social, com uma perspectiva psicanalítica e desenvolvimentista e, também influenciada pelos estudos sociológicos de dinâmicas grupais. Nas últimas décadas, a psicossociologia vem se constituindo e se consolidando a partir de produções próprias, enquanto campo de conhecimento inter e transdisciplinar dentro da grande área das Ciências Sociais e Humanas, voltado para a composição de saberes e tecnologias que venham ao encontro dos problemas contextualizados e localizados na experiência dos países latino-americanos, tanto em sua diversidade cultural e geopolítica, quanto em suas confluências enquanto povos colonizados. Neste sentido, também assume o estudo das relações coloniais desde uma perspectiva contra hegemônica. Interrogar a psicossociologia nos exige movimentações contra hegemônicas. Portanto, faz-se necessário ouvir as vozes do campo, vozes de mulheres negras que atuam em redes, em diferentes países da América Latina ou América Latina, como preferia Lélia González.

Também no campo da Psicossociologia é uma exigência intervir e colaborar com outros fluxos investigativos. Reconhecer o percurso já realizado, por pesquisadoras engajadas nas lutas por justiça é o ponto de partida. Mais especificamente, no campo da Psicossociologia, importa salientar que uma das defensoras desse desenho, onde o comunitário ganha maior relevância, foi Maria Inácia D'Ávila Neto (1994).

A especialista em estudos de gênero e em ecologia social, foi uma das primeiras intelectuais a ressaltar o problema do autoritarismo como um problema “invisível”. Tratou a questão da “violência anônima” e situou as dificuldades enfrentadas em um contexto marcado por precariedades, quando o tema de fundo era a condição da mulher.

Sob sua influência inúmeros trabalhos foram desenvolvidos no EICOS se consolidou como proposta de vanguarda. A conformação do programa envolveu um grupo expressivo de intelectuais e esteve marcada por descrédito e estigmatização, conforme o fragmento abaixo recuperado:

Assim sendo, o programa EICOS era alvo de críticas simplesmente por que mulheres como a professora Inácia D'Ávila Neto, a professora Jaciara Nassiutti, a Professora Marise Juberg, a professora Tania Maciel e outras grandes professoras com as quais tive a chance de conhecer e trabalhar simplesmente ousaram defender novas maneiras de pensar a Psicologia Social e entender a teia de relações entre homem e meio (Carvalho, 2018, p. 83).

O autor acrescenta que uma característica importante é a escolha metodológica que consiste em trabalhar a Psicossociologia a partir de um novo olhar sobre o encontro da Sociologia e da Psicologia de forma rizomática.

Pode-se considerar que o Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS/UFRJ), busca compreender um conjunto de questões que estão bem apresentadas na linha de pesquisa "Psicossociologia Crítica, Comunidades e Redes" - que objetiva entender processos psicossociais de construção de conhecimentos. Por compreender o fluxo desafiador, valoriza-se as condições criadas para a inclusão de temários contra hegemônicos.

A interpretação psicossocial e socioantropológica, de Lélia González (1935-1994), sobre a América Latina e Caribe, nos orienta oferecendo alguns dispositivos descolonizadores para entendermos a importante dinâmica regional. A nosso ver, sua apreensão sobre africanização, sobre o lugar reservado para as populações racializadas e, para as mulheres negras, incidiu na *práxis* sociopolítica de lideranças interessadas em transformações profundas.

Filha de Acácio Joaquim de Almeida e de Urcinda Seraphina de Almeida, Lélia González nasceu Lélia de Almeida, em Belo Horizonte (Minas Gerais) e migrou para o Rio de Janeiro, nos anos de 1940. Suas inquietações catapultaram sua trajetória como grande estudiosa. Além de professora universitária, sua experiência incluiu a direção do Planetário do Rio de Janeiro, a vice-presidência da Associação Internacional do Festival Pan Africano das Artes e Culturas (Senegal) e do Congresso Mundial de Intelectuais Negros. Entre os anos de 1976 e 1978, promoveu cursos de Cultura Negra no Brasil (Escola de Artes Visuais/Parque Lage).

Na mesma década, fez parte da Escola de Samba Quilombo e, do Grêmio Recreativo de Arte Negra. Participou de congressos no âmbito da América Latina, como, por exemplo, a *Latin American Studies Association* (LASA). Sua circulação, nos espaços acadêmicos é, reconhecidamente, de vanguarda e tal perfil chama atenção de importantes lideranças do Movimento Negro e do Movimento de Mulheres Negras. É importante salientar que a LASA congrega mais de 13 000 sócios e reúne especialistas de todas as disciplinas e profissões que se dedicam ao estudo da América Latina, em todo o mundo. Mesmo assim, a presença brasileira, nesse *locus* de produção de pesquisas, ainda é tímida.

A especificidade de sua circulação chama a atenção e reflete as suas preocupações em aprofundar uma percepção mais panorâmica. Na década de 1980, González fez parte do Partido dos Trabalhadores (1981-1986) e foi responsável por uma retomada estratégica, do Movimento Negro Unificado (MNU). Ao longo de sua vida docente, atuou no Colégio de Aplicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e dirigiu o Departamento de Sociologia e Política da PUC-Rio, sendo, também, professora de "Cultura Brasileira". Seu nome está na história de criação do Instituto de Investigação das Culturas Negras (IPCN), do Coletivo de Mulheres

Negras N'Zinga e do Grupo Cultural Olodum. Incluiu, como importante área de estudo, a Psicanálise e, assim, ampliou o leque de interpretação sobre a tessitura social do Brasil e da América Latina (AL).

Em seu quadro propositivo, incluiu uma demanda urgente que é o reconhecimento da africanização no território. Apoiada em trabalhos desenvolvidos pelos psicanalistas MD Magno e Betty Millan, assume a tarefa de ampliar algumas noções sobre a formação histórico-cultural do Brasil e que apareceram no artigo “A categoria político cultural de Amefricanidade”, publicado em 1988, na Revista Tempo Presente. Em nota, recomenda a leitura do artigo, intitulado “América Ladina: introdução a uma abertura” (Magno, 1981) indicando as influências obtidas, para suas teses. Na entrevista intitulada “Difusão da psicanálise lacaniana no Brasil”, Betty Milan assume a autoria da noção de América Ladina:

Nós nos dizíamos mesmo que o Brasil não era América Latina, era *América Ladina*. Isso, aliás, está escrito numa revista do Colégio Freudiano, que se chama *Pato Lógico*. Paradoxalmente, nós descobrimos o que era óbvio, mas fomos os primeiros a criticar a elite a que pertencíamos pela desvalorização sistemática da cultura do brincar, que é a do povo brasileiro e é a mais autêntica. Disso resultou, em 1985, um grande Congresso no Rio de Janeiro, no Copacabana Palace, *A Psicanálise do Brasil*, organizado pelo Colégio Freudiano, do qual participaram artistas e intelectuais de várias áreas e reuniu cerca de mil pessoas. Zé Celso esteve lá. Gilberto Freyre, já com mais de 80 anos, foi de Recife para o Rio de Janeiro a fim de participar do Congresso, que se encerrou com um baile animado pela Beija-Flor, então dirigida por Joãozinho Trinta. Homenageou o Colégio, agradecendo a publicação de uma entrevista dele num livro que se intitulava *Psicanálise Beija-Flor* (Milán, 1994).

Em diálogo com o referido grupo de psicanalistas, Lélia González alcança um delineamento incontestado por apresentar interseções para novas ancoragens político-sociais que, com o passar do tempo, se ampliam para a análise sobre sua movimentação.

É nessa esteira que emergem as questões teóricas sobre a organização de redes colaborativas no contexto latino-americano. Na visão de Rosa Pedro,

A noção de rede pode oferecer uma certa capacidade de cotidianidade dos acontecimentos e sobre as práticas que refletem o próprio movimento de hibridação [...] a apreensão em rede possibilita o delineamento de configurações que se diferenciam certamente, porém esta definição é aquela que lhes confere uma lógica social singular, aí residindo sua força (Pedro, 2003, p. 34).

Pedro indica uma trama envolvendo pessoas diversas, envolvendo ancoragens indispensáveis. O sentido comum, seria, conforme o entendimento dessa proposição, o motor que alimenta a engrenagem das comunidades recriadas, mesmo em ambiências hostis. Pode-se

concluir que a natureza do trabalho realizado em rede é a junção de interesses e esforços de grupos conscientes ou movidos pela consciência do objetivo comum.

A tomada de consciência que garante o início da organização de qualquer grupo em desvantagem política, material entre outros aspectos, está relacionado com o que apresenta Zulma Palermo. O quadro apresentado por ela, nos ajudou a entender a centralidade do pressuposto de Quijano (2005) sobre colonialidade do poder:

[...] la colonialidad del poder estableció la diferencia epistémica colonial entre el sujeto cognoscente y los sujetos a ser conocidos; es decir, signó epistemológicamente la exclusión de toda posibilidad de producción de saber a la alteridad o exterioridad de su propia subjetividad, llevando a que ese otro al que se hace referencia desde el discurso monotópico haya internalizado su rol de objeto y no de productor de conocimiento. Sujeto pasivo y atado a la mimesis, queda atrapado en las redes de un único saber, ajeno a la experiencia de la propia memoria social (Palermo, 2013, p. 244).

Pode-se compreender como a invenção do outro (do diferente) indica urgências inadiáveis. São outros posicionamentos frente aos prejuízos coloniais, por assim dizer. Para Palermo, a diferença colonial se constitui como “una negación del valor del otro en tanto distinto del yo-sujeto único capaz de pensar, decir y hacer. Y ese otro es tanto el marcado por la raza, la clase, el lenguaje, el género, como por el lugar en el que vive” (Palermo, 2013, p. 244).

Com esses aportes iniciais faz sentido dar visibilidade para processos historicamente clandestinizados. Concordamos com a autora na medida em que nos convoca a pensar mais a Diáspora e menos as experiências pontuais já que o fato social total definido como “(colonização europeia” já não nos permite essa interpretação parcial.

A pesquisa *No Ilé Oggún e Yemayá: Reglas afro-cubanas, redes e tramas espirituais em Bogotá, Colômbia* do antropólogo Luis Guillermo Meza Álvarez (2019) é fundamental nesse percurso com as outras dimensões clandestinizadas e já mencionadas acima. Com essas outras percepções sobre propostas formativas anticoloniais, passa a ser uma exigência, revermos as narrativas legitimadas como *únicas*. E ainda sobre esse aspecto, chama a atenção as análises realizadas por Silvia Rivera Cusicanqui e os percursos que nos permitem ampliar o leque de possibilidades interpretativas. Em faz a seguinte observação:

Los contactos con un público popular heterogéneo fueron fundamentales para nutrir los aprendizajes, tanto en el contexto universitario –primer espacio de acogida para el taller de investigación oral que conducíamos junto a Tomás Huanca– como en el camino autónomo que emprendimos más tarde (Cusicanqui, 2015, pg 18).

São esses alguns importantes desdobramentos que alimentam as intenções que apresentamos. Ao mesmo tempo, os encontros com Catherine Walsh, no âmbito dos

Congressos e Seminários promovidos na UNIRIO, UFRJ e UERJ, favoreceram importantes apreensões interdisciplinares e contra hegemônicas.

Sobre a experiência de trabalho em cooperação, foi necessário compreender como a *colaboração intercultural* pode nos apontar caminhos para o exame das questões macros que se fazem refletidas nas práticas anticoloniais sugeridas por Silvia Cusicanqui (2015).

E justamente nesse itinerário está o que Walsh observa de táticas palpáveis, a nosso ver:

[...] Propongo pedagogías que apunten y crucen dos vertientes contextuales. Primero y siguiendo Fanon, pedagogías que permiten un “pensar desde” la condición ontológico-existencial-racializada de los colonizados, apuntalando nuevas comprensiones propias de la colonialidad del poder, saber y ser y la que cruce el campo cosmogónico-territorial-mágico-espiritual de la vida misma [...]. Son estas pedagogías que excitan la autoconciencia y provocan la acción hacia la existencia, la humanización individual y colectiva, y la liberación [...] La segunda vertiente parte de la noción de pedagogías de “pensar con”. Pedagogías que se construyen con relación a otros sectores de la población, que suscitan una preocupación y conciencia por los patrones de poder colonial aún presentes y la manera que nos implican a todos, y por las necesidades de asumir con responsabilidad y compromiso un accionar dirigida a la transformación, la creación y el ejercer del proyecto político, social, epistémico y ético de la interculturalidad (Walsh, 2014, p.25).

Os territórios afroindígenas dos quais fazemos parte, na vida religiosa e política, sugerem outras conformações e outras fissuras. É com essa inclinação que podemos localizar os lugares de memória que recriam a Natureza e impulsionam a r'- existência comunitária. Com Walsh, procuramos alguns pontos de contato para abordarmos dimensões colaborativas. Walsh e Salazar já haviam discutido dimensões centrais dessa agenda anticolonial e sobre isso destaca-se:

Para nosotros la memoria colectiva es la reafirmación de lo que la tradición nos enseña, de lo que el ancestro enseña. Justamente es memoria colectiva porque está en todo el colectivo, las personas tienen mayor o menor conocimiento sobre un hecho, sobre una forma de hacer las cosas, sobre un valor o sobre un decir, sobre un ser, sobre una manera casa adentro de entender. Todas las personas [casa adentro] saben de qué estamos hablando. Memoria colectiva es un saber colectivizado; para nosotros la memoria colectiva es el afianzamiento, es la verificación de qué es un hecho ancestral porque toda la gente lo conoce, es la que nos permite continuar (Walsh & Salazar, 2005, p. 83).

As colocações da autora nos instigam a rever os processos experimentados comunitariamente. Toda cura passa pela memória. Ao recordarmos quem somos, recuperamos a essência livre do Ser. Nosso poder anímico não pode ficar projetado no outro. O apagamento da memória de um povo, traz o sentimento de um animal em busca de um dono. Instigar a memória, em Rede nos torna mais perto da liberdade. É hora de nutrir a potência que somos e nos livrar deste estado de escravidão. Pois o mundo interno ferido pelo açoite do colonizador,

pelo apagamento de uma história e de uma memória coletiva, torna-se predador ou submisso. Devemos ousar a nos afetar pela memória que nos foi retirada. Podemos considerar, quando pensamos com Santiago Arboleda Quiñonez (2016), que o antirracismo e a construção da identidade étnico racial incidem no fazer pedagógico dessas pensadoras. Tende a fortalecer a emancipação e promover outras análises sobre os obstáculos do campo de atuação. Agir em “redes colaborativas”, no sentido adotado por Miranda (2020), é um princípio, uma concepção de ser, criar e produzir colaborativamente. É promover liberdade, é” transdecolonial” e é oportunidade de pensar as performatividades coletivas.

O conceito de “ecologia do ser”, que é a relação da educação e da Psicossociologia em uma intervenção social Psicossociológica. E, Reich traz a bioenergética. Ele vai além da psicanálise. Mas, é incompreendido. Caçado pela política, foge para os EUA. Onde acaba sendo preso e morre na prisão. Reich prefere morrer na prisão a renunciar o seu ideal. Quando Reich conceitua bioenergética como a energia vital do Cosmos, como e eu experimento em meu processo terapêutico, que é da análise bioenergética, a punção a qual Reich se refere, imediatamente ligo com a teoria de Antônio Bispo! Com a intervenção para adiar o fim do mundo que Krenak nos convoca. Por isso, a junção inevitavelmente me atravessa. Enfim, a Psicossociologia nasce em minha vida através deste encontro da educação e da psicologia, vivido e expressados em forma de Redes.

Darcy Ribeiro, tornou-se necessário, sobretudo pela sua obra "O povo brasileiro, a formação e o sentido do Brasil". Assim como "Crítica e Libertação na Psicologia" do professor Fernando Lacerda, um compêndio de textos do Baró. No caso de Maria Inácia, D Ávida Neto inspirou a conversa sobre o papel da psicossociologia. Um conjunto de teses urgentes para quem deseja situar o papel das formas outras de insurgir.

Neste caminho me encontro com Estamira, mulher cuspidada pela sociedade caxiense e moradora do Lixão de Jardim Gramacho. O documentário transborda as questões psique social urbana de um país latino, com correntes envoltas de véus. Meu desejo imediato era apresentar Estamira para Carolina de Jesus! Enquanto Mulher afroindiobrasileira, vivendo e aprendendo no contexto da diáspora. Me encontrando como uma cidadã latina, educadora, eu me sinto convocada por minha ancestralidade, que me habita e me guia nas intervenções necessárias.

Através da pesquisa, da temática escolhida, na tessitura em Redes, mão a mão, bordado a bordado, fio a fio, uma ecologia psíquica e social que, promova possibilidades de uma reintegração do Ser humano com a Natureza. Penso que esta cartografia é minha história na

educação. Minhas múltiplas ações através de diversos projetos e percursos desenvolvidos desde quando comecei, até o momento atual.

A psicossociologia surge na Europa inspirada em estudos da psicologia social, com uma perspectiva psicanalítica e desenvolvimentista e, também influenciada pelos estudos sociológicos de dinâmicas grupais. Nas últimas décadas, a psicossociologia vem se constituindo e se consolidando a partir de produções próprias, enquanto campo de conhecimento inter e transdisciplinar dentro da grande área das Ciências Sociais e Humanas, voltado para a composição de saberes e tecnologias que venham ao encontro dos problemas contextualizados e localizados na experiência dos países latino-americanos, tanto em sua diversidade cultural e geopolítica, quanto em suas confluências enquanto povos colonizados. Neste sentido, também assume o estudo das relações coloniais desde uma perspectiva contra hegemônica. Interrogar a psicossociologia nos exige movimentações contra hegemônicas.

No exemplo de um país como a Colômbia, território central para se compreender liderança afrofeminina, pode-se acompanhar as análises de Betty Ruth Lozano Lerma:

Las mujeres negras fueron y han sido guerrilleras cimarronas, parteras de agência antipatriarcal, ananses tejedoras de redes vinculantes, agricultoras y médicas tradicionales, lideresas espirituales y también políticas. Mujeres con una historia de insurgencia ancestral desconocida aún hasta por ellas mismas, pero que se expresa a través del hábitus cimarrón. Mujeres que participaron de forma intensa por la consecución de los derechos colectivos de las comunidades negras, haciendo a un lado sus propios intereses de género y copiando a veces las formas masculinas de hacer política. Sin embargo, logrando en ese proceso reconocer su potencial de participación y transformación y pensarse a sí mismas como mujeres. Mujeres que se acompañan, escuchan y sanan mutuamente y que realizan prácticas de un gran potencial pedagógico cotidianamente. (Lerma, 2016, pp.185-186)

Nota-se que as andarilhagens em redes afrocolombianas tem em suas dinâmicas o protagonismo afro feminino, responsável pela vida e pela organização da sociedade. Ainda, sobre o caso colombiano, chama atenção o pressuposto de Fanny Milena Quiñones (2020): “A pesquisa em rede exige o envolvimento de professoras/es e essa foi, sem dúvida, uma percepção inicial para fomentar novas ambiências de aprendizagem mútua. As demandas já conhecidas, e que fazem parte da agenda prioritária de mulheres negras que se deslocam para o campo acadêmico, foram consideradas no percurso da Rede Carioca de Etnoeducadoras Negras (Quiñones, 2020, p. 12).

Por tudo isso, a pesquisa está alinhada com as lutas contra hegemônicas da Diáspora Africana, do terceiro Mundo. Dilma Rousseff (2016) e Marielle Franco (2018) foram vítimas de algo identificado como a caça às bruxas, justamente pela força de suas performatividades.

Pode-se afirmar que, na origem dessas movimentações questionadoras, muitos grupos críticos ao instituído (nesse caso o patriarcado) sofreram com a violência extrema - identificada também com os interesses do capitalismo.

Mulheres que iam contra o que o capitalismo queria delas, foram interrompidas e silenciadas. Mulheres “sem marido” eram estigmatizadas e suas liberdades eram relativas. Não estavam livres para circular, tampouco, para viverem sozinhas. Seus corpos não eram seus, se apresentassem alguma forma de afronta ao poder estabelecido, passavam a ser consideradas como loucas ou como bruxas e, conseqüentemente, perseguidas, muitas vezes, até a morte. Nesse modelo de sociedade e de produção econômica, mulheres foram feitas para procriar. A “domesticação” da mulher passa a ser um fenômeno histórico que atravessa séculos e domina o imaginário popular. De acordo com Maria José Ferreira Lopes:

A desvalorização e o vitupério da mulher são uma realidade comum a inúmeras civilizações de todos os tempos e lugares. No entanto, a origem da sua “retórica” situa-se no berço da civilização ocidental. Foi Antípatro de Tarso, filósofo estóico, que, já na época helenística, introduziu a palavra *μισογυνία* para designar o “ódio, desagrado, desconfiança pelas mulheres [...] A atitude misógina foi também objecto de reflexão, nomeadamente quanto às causas. Cerca de cem anos depois do grego Antípatro, o romano Cícero definiu -la -á com clareza, nas *Tusculanae Disputationes* (IV, 25),[2] como “*odium mulieris*” e classificá -la -á como uma “*aegrotatio animi*” – uma doença do espírito –, equiparável a outras que poderiam parecer mais graves, como a misantropia e a negação da hospitalidade. Cícero vai mais longe, ao afirmar que, subjacente a estas doenças do espírito humano, está o medo – “*metu*” – de coisas de que se foge e se odeia “*omnes aegrotationes animi ex quodam metu nascuntur earum rerum quas fugiunt et oderunt*” [...] O grande orador e político romano não seria certamente o primeiro nem o único a pensar desta forma, que afinal resulta da análise racional da questão. No entanto, foi na Grécia Antiga que se estabeleceram, com os alicerces da razão e da incipiente ciência, sob a esplendorosa luz do Mediterrâneo – que durante séculos iluminou mais a beleza do efebo que a do “*beau sexe*” –, os tópicos fundamentais de um retrato negativo da mulher. O discurso misógino grego, corroborado e continuado pelos romanos, acabou por ser fortalecido pela auctoritas de sábios de outras origens culturais e religiosas, nomeadamente judaico-cristãs. A aparente hostilidade para com o Paganismo não impediu a nova ideologia dominante de ser profundamente influenciada pela cultura clássica, por vezes a ponto de as tradições se confundirem. De facto, a história da misoginia e do vitupério da mulher é também a história da herança cultural e, em última instância, da palavra escrita. Domínio secularmente exclusivo do homem, a palavra foi sendo também um inimigo, por acção e até supressão, da mulher, votada ao silêncio tanto por imposição, como por falta de cultura. Assim, as figuras de Pandora e Eva, além de mitos que simbolizam a misoginia e o peso do verbo no masculino – a primeira, no mundo clássico, a segunda no judaico-cristão –, exemplificam também o peso da herança clássica na vertente judaico-cristã da cultura ocidental (Lopes, 2017, p. 2).

Em *Calibã e a bruxa* (Federici, 2000) aprende-se que a caça às bruxas não foi algo organizado homogeneamente. Cada país (ou região) desenvolveu um processo de perseguição

iniciando e terminando a caça às bruxas em períodos diferentes. Sutilmente, tal empreitada se deu em camadas, em episódios e com essa estratégia, a perseguição às mulheres parecia menos agressiva. Importa salientar que essa foi uma das ferramentas mais eficazes de opressão à mulher durante o estabelecimento do capitalismo, no mundo todo. Portanto, já é possível para nós mulheres, desmistificar a natureza democrática da sociedade capitalista e a possibilidade de qualquer troca igualitária dentro de um sistema marcado por “políticas da morte”, para incluir o quadro teórico de Achille Mbembe (2016; 2018). Para Federici (2000) a função social destinada às mulheres foi a produção de mão de obra e assim, caberia estar à serviço da produção de novos trabalhadores.

No Brasil atual, do século XXI, o imaginário popular tem sido formado pela interferência de forças antidemocráticas e negacionistas. Enquanto isso, na Colômbia, após décadas de lutas populares, sobretudo, da população afrocolombiana com todos os prejuízos da desumanização, assistimos à eleição de uma mulher negra à vice-presidência da República. Trata-se de Francia Márquez, uma ativista formada nas bases do Movimento Afro-colombiano, mais precisamente, do Processo de Comunidades Negras-PCN (2010).

Para pensar e articular os pressupostos de uma psicossociologia decolonial, talvez seja necessário compreender onde e como se processa a transgressão nos espaços de formação psicossociológica. E, talvez, tenhamos que admitir questionamentos mais incisivos como por exemplo: é possível alcançar uma prática psicossociológica decolonial? Pode, a psicossociologia transgredir suas próprias limitações?

A década de 1960 ficou marcada por diversos acontecimentos no mundo, as manifestações populares na Europa central e leste europeu, os conflitos sangrentos em diferentes países do continente africano, sobretudo, na África do Sul, sob o desumano regime do Apartheid. Na diáspora africana, sobretudo, nas américas, os movimentos sociais pelos direitos civis; a Revolução Cubana, o acirramento da guerra fria entre Estados Unidos e União Soviética e a sequência de golpes de Estado, com instauração de ditaduras militares, em praticamente, todos os países latino-americanos, sob o argumento de que os soviéticos iriam implantar o comunismo e tomar o continente das mãos do capitalismo estadunidense. Esse pesadelo começa virar realidade no Brasil, enquanto um governo democrático se preparava para dialogar com os diferentes segmentos da sociedade, sobretudo, as classes trabalhadoras rurais e urbanas.

No fatídico dia 31 de março de 1964, efetiva-se o golpe de Estado, depondo o presidente João Goulart e instaurando-se o início de um pesadelo que durou mais de 20 anos e se tornou uma espécie de fantasma psicossociológico, para grande parte da população do país. Ao refletir sobre aquele contexto sócio-histórico, político-econômico conturbado, pelas configurações geopolíticas e pelo quadro situacional brasileiro, a professora Maria de Fátima Quintal de Freitas (2006) nos conta sobre o surgimento da psicologia no Brasil.

Em 27 de agosto de 1962, dá-se o reconhecimento oficial da profissão de psicólogo no Brasil e se criam as disposições legais - lei Nº 4119 de 27/08/62- para regulamentação e criação dos cursos de psicologia. Os modelos teóricos e metodológicos que passaram a ser ministrados nos primeiros cursos de psicologia, no país, eram importados em sua grande maioria dos Estados Unidos, havendo pouca participação das produções européias. Em alguns locais dá-se a inserção do psicólogo, com o objetivo de somar esforços e de colaborar para tornar a psicologia mais próxima à população, em geral, e mais comprometida com a vida dos setores menos privilegiados; buscando com isso uma deselitização da profissão, e as práticas vão ganhando uma significação política de mobilização e de transformação sociais (Freitas, 2006, pp. 59-60).

Os dados expostos por Freitas nos ajudam a entender as necessidades, avanços e limitações existentes, ainda hoje, no processo de interação da psicossociologia com o seu público-alvo, os menos favorecidos.

A leitura de Bell Hooks (2013) me fez entender o quanto o trabalho de Paulo Freire já cruzou oceanos e tem influenciado pesquisadoras/es, em diversas partes do planeta. O diálogo que Bell Hooks estabelece com a obra freiriana é muito importante para percebermos a inserção da pertença feminina no campo psicossocial. E, mais ainda, pelo fato de ser uma mulher negra, ativista em um universo restrito e hostil, o espaço da produção acadêmica, de onde nos “ensina a transgredir” e a “esperançar”, com afeto, através do amor e do compromisso com a causa dos que precisam avançar, para alcançar suas liberdades individuais e coletivas. Para pensar e articular os pressupostos de uma psicossociologia decolonial, talvez seja necessário compreender onde e como se processa a transgressão nos espaços de formação psicossociológicos. É possível que nos sirva a reflexão de Hooks:

Além disso, fui empoderada por um mundo de “privilégio do homem branco” a falar para um público de pessoas brancas que provavelmente nunca tinham ouvido uma mulher negra dar uma palestra sobre qualquer assunto, muito menos uma intelectual negra feminista dissidente de esquerda. Eu não estava falando para convertidos. Esse ato de falar, transcendendo as barreiras da diferença é uma intervenção radical (Hooks, 2013.).

4 DIÁLOGOS COM LIDERANÇAS ETNOEDUCADORAS

O processo de aproximação para a realização das entrevistas

Fizemos algumas perguntas tais como: qual seria a justificativa de escolha das entrevistadas. Quais características são comuns, nas entrevistadas. Quais aspectos foram identificados nos percursos familiares. Quais percursos comuns na vida como ativistas. Todas em suas famílias tiveram um percurso que necessitou de luta pelo direito a existir e subsistir dentro do contexto social de cada uma. Porque a desigualdade, o racismo é um marco na trajetória destas vidas. Trazem aspectos que produzem através da união, a nutrição necessária para manter entrelaçados os fios que tecem suas Redes naturalmente construídas, para lá na frente, em suas construções acadêmicas, serem expandidas e ressignificadas, com fios outros, de um saber letrado, mas nascido nas rocas originais de seus corações ancestrais. Encontramos o ativismo como o elo que as entrelaça na grande Rede Viva da Vida. É um estar ATIVA, A-TI-VIS-MO, vida em ação. Magnificamente, todas as minhas interlocutoras são de famílias regidas por mulheres!

Chegar ao campo da pesquisa e iniciar as entrevistas, possibilitou a conexão com as tessituras das Redes colaborativas, construídas pelas Mulheres situadas geograficamente no Sudeste de nosso país. Mulheres que se nutrem nas águas, para existir na Terra. Com essas inspirações, conheci Angélica e Bia Carvalho. Uma no Vale do Jequitinhonha, bordando em Roda, a outra, nas águas das cachoeiras existentes no alto dos municípios de Nova Iguaçu (Tinguá) e Amapá, em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. Ambas herdam de suas famílias a arte do fiar em rede, com uma roca própria criada em seus corações, que vem oferecendo substâncias para que elas resistam e (re) existam em suas Jornadas.

Compartilho um momento de escuta que muito me impactou com Angélica Lemos. Por nos revelar o quanto viver a essência de nossa existência relacional e regional nos permite a não se sentir perdido nos espaços de existência, e sim nos sentirmos pertencidos diante do processo necessário de resistir e existir na luta histórica contra a colonização.

AL: Quando depois eu entrei na universidade eu fiz o curso de Terapia Ocupacional. Eu peguei aquela época que estava com expansão nas universidades federais dos cursos federais 2007/2009 [...]. Então, fui das primeiras mulheres da minha família a ter um ensino superior completo e, sobretudo numa federal. Então, acabei também me engajando no movimento estudantil dessa época que também é uma outra rede que você tece, dá um grito ali para reivindicar direito. Na época a gente reivindicava auxílio estudantil. Porque como a

universidade, era faculdade tinha recém-formado universidade na época não tinha nenhum auxílio estudantil, nenhuma política estudantil. Então, nós reivindicávamos que foi na universidade federal que tem o Polo aqui em Uberaba. Então quanto nas aulas do ciclo comum saúde e sociedade sabe elas disciplinas de ciclo comum eu tinha um estranhamento de início. Porque eles iam ensinar e falar o que era o comunitário o que era solidariedade, só que era uma aprendizagem que eu já tinha. Então, eu tive esse estranhamento da academia achar que ia ensinar a comunidade a ser solidária, a levar o grupo, sendo que a gente sempre funcionou em grupos, um acolhendo o outro dentro da rede de vizinhança e familiar. Então, eu tive esse estranhamento quando eu achava uma certa ingenuidade sabe, escutar que a universidade ia levar a gente para comunidade ensinar a gente solida. Mas enfim, [...] sempre nessa luta. Então quando me formei em Terapia Ocupacional depois eu fui atuar em ponto de cultura, eu fui oficina de ponto de cultura. E eu trabalhava como oficina de artesanato também antes de me formar. Eu acabei indo também para terapia ocupacional, escolhi esse curso porque na época de escolher o curso, eu gostei muito dessa forma da terapia ocupacional, olhar para o artesanato e para as ocupações como olhar terapêutico também, da potencialidade desse artesanato e desses fazeres. Eu já tinha um olhar muito holístico de saúde assim, de sujeito no território. Por isso acabei escolhendo esse caminho.

Levar o artesanato para a Universidade como objeto de pesquisa foi um momento de quebra de paradigmas de ação contra hegemônica e sobretudo uma postura anticolonial. Segue alguns registros cedidos por Angélica Lemos, onde podemos apreciar uma história bordada por muitas mãos.

Figura 1: Registro do desenho feito por menina Maria antes do bordado.



Fonte: Acervo Angélica Lemos, 2023.

Os dedos da menina Maria deslizam no papel como passos de balé, mostrando o caminho que a linha percorre na dança entre dedos e linhas, encontrando o bordado que cada história conta e canta na roda que entrelaça as curiosas mãos da menina Maria com as experientes mãos da mulher e anciã Maria.

Figura 2: Bordado de poesias e canções pelas mãos da mulher mãe Maria.



Fonte: Acervo Angélica Lemos, 2023

Figura 3: Bordado das flores feito pelas mãos da mulher avó Maria.



Fonte: Acervo Angélica Lemos, 2023

Figura 4: Fio construindo o caminho do bordado pelas mãos da menina Maria.



Fonte: Acervo Angélica Lemos, 2023

Figura 5: Entrelace de fios bordados por mulher mãe Maria



Fonte: Acervo Angélica Lemos, 2023

Ao ouvir Angélica Lemos em nossa interlocução, percebo o quanto bordar em várias mãos, ativa a ressonância da memória ancestral para acessar o processo de cura.

Fica perceptível que o cantar em roda durante a produção do bordado potencializa as relações do cuidar entre elas, como se cada linha fosse o fio de prata que dá à luz para o nascer de uma psiquê social saudável.

Sobre como cada uma busca estabelecer a conexão entre ecologia interna e o ecossistema do território onde habita na construção de uma sociedade antirracista, o aprendizado com os povos indígenas, com a natureza senti que falou bem forte em Angélica Lemos. Ela traz um pulsar indígena suave, intenso, sobretudo presente. Como nesta fala:

AL: Eu acho que eu vou chamar o Krenak nessa hora. Porque o Ailton Krenak tem uma parte que diz que ele conta que ele está fazendo a parte do quintal sabe Mônica. Ele fala assim: Nós mudamos o mundo a partir do nosso quintal. Aqui onde eu estou na beira do Rio Doce". Ele fala que ele entra que ele está envolvido nas rotinas domésticas desde plantar uma árvore, a cultivar uma horta e ele traz que são coisas que ele faz com as mãos com as próprias mãos. E que outras pessoas que estão perto dele fazem junto. Então, ele acha que tem que ter (ser uma esperança a partir dessa coisa prática), ele traz isso. Até essa é uma fala muito forte do Krenak que eu até uso ela numa parte do projeto do ensaio que eu estou construindo. Porque é isso, eu acho que a gente tem que começar a fazer também. Quando ele diz: fazer com as próprias mãos, eu sinto como uma convocação. O que você faz com as próprias mãos? Desde o artesanato que resiste ao industrial, desde já cozinhar em casa, desde a plantar uma horta, a comprar produtor próximo de você, acho que são a partir daí. Acho que Krenak já deu a pista. Então, estou mais assim conectada nessa forma de ver e de fazer. Como Krenak diz, as coisas que eu faço aqui mesmo onde estou e tal. E às vezes não tem tanto uma separação entre ecologia interna e externa porque é uma coisa só, é uma troca constante. Eu pego a pista com o Krenak, nesse momento eu acho que é por aí o caminho. Porque às vezes, não que a gente não deve atuar em macro território casos maiores, tem também que ter essa voz. Como a favor da proteção aqui daqui mais próxima de mim a favor da proteção do Cerrado. Nós estamos com uma situação que recentemente na cidade autorizou o plantio de cana-de-açúcar em perímetro urbano. Isso é muito preocupante. Então, tem que se engajar também nessa conscientização nessa luta de preservar. Mas também além dessa preservação Cerrado, o que eu consigo fazer próximo aqui de ação prática. Eu acho que tem que essas conexões. Estar atento ao que você consegue fazer em termo de micro e o que você consegue ressoar no macro.

Então, por isso que eu tenho essa dificuldade de fazer assim, eu entendo que não é uma divisão é uma forma de compreender o externo e interno, para mim sempre é uma troca.

Quanto ao conceito de rede, este também revelou bastante fecundo, a partir das experiências individuais e coletivas de cada entrevistada, se entendermos os núcleos familiares, as experiências comunitárias que cada uma traz em sua bagagem.

AL: Quando você diz conceito de rede. Se eu fosse falar um conceito de rede, seria parte de um dito popular. Quando eu passei uma temporada no Vale Jequitinhonha quase sete anos, eu aprendi lá com artesões locais, com as colhedoras sempre viva: que planta que muito muda não faz raiz. Esse dito seria para mim o conceito de rede. Porque para alicerçar a rede e criar um elo entre esses pontos, tem que ter pertencimento, tem que ter um conviver e conviver requer tempo. Então, por isso que eu acho pegar esse conceito a partir de um dito popular, se fosse falar que conceitua a rede a partir desse dito popular: planta que muito muda não faz raiz. É assim que se tece a rede. Com pertencimento, com tempo, com convivência, com acolhimento que são essas raízes.

Compartilhamos, abaixo, parte do relato de Bia Carvalho. Que já nasce dentro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra / MST:

BC: Eu costumo dizer, que sou filha da Terra, assumi essa identidade de filha da luta da reforma agrária. Meus pais vieram do interior de Minas Gerais. Lá, trabalhavam de meia, trabalhavam em parceria, nunca tiveram a terra. Ou seja, a terra para ele sempre foi negada. Ele sempre trabalhava em fazendas na terra de fazendeiros. E eu costumo dizer que é daí que eu trouxe, que meu pai trouxe para a gente a elaboração de latifúndio, o que concentra esse poder e a violência que o latifúndio produz. Então, meu pai sempre foi muito trabalhador, mas nunca conseguia ter o que era dele, um espaço para criar os filhos para viver do que era seu, sem ter patrão. E aí com a crise do café que acabou os cafés, estava com uma doença eles cortaram todos os cafés. E com a perspectiva de desemprego, primeiro ele veio para o interior, saiu do interior de Minas Gerais e veio para o Rio de Janeiro na perspectiva de buscar trabalho, buscar outras formas de trabalhar para poder cuidar dos quatro filhos. Porque eu sou resultado, são seis irmãs e dois irmãos. E em Minas Gerais a família já estava pela metade, que era quatro e os outros quatro, aqui no Rio de Janeiro. E aí ele veio trabalhar, tentar a vida. Morou na periferia, em primeiro lugar, que acolheu ele foi uma favela do Rio de Janeiro.

Enquanto releio a transcrição da entrevista da Bia, minha visão é tragada pela espada de São Jorge que se encontra em minha sala, a sonoridade de meu tambor e a força etérea que a planta expressa, nutri minha escrita diante da análise desta pesquisa.

Na análise da transcrição da entrevista de Bia Carvalho, me reporto a conexão estabelecida entre “pertencimento, produção e sustento”. Pois são famílias organizadas em torno da luta pelo direito à Terra e que para existirem enquanto cidadãos, precisam produzir sua subsistência através da Terra. Um hiato existente nesta família, conta sobre o pai da Bia, construtor, Mestre de obras, que passa a ser referência na construção de inúmeros lugares no Rio de Janeiro, principalmente no Centro da Capital.

Abaixo, Bia continua a descrever o processo de seu pai:

BC: *Olha, eu não tenho nada a pedir porque eu estou aqui em cima da minha terra trabalhando, cuidei de vocês. Daqui eu tirei meu sustento para educar vocês, e assim eu não quero que entre no meu atestado de óbito que eu não tenha outra profissão a não ser agricultor a não ser lavrador. Isso assim impactou muito a gente. Porque o meu pai trabalhou muito tempo na construção civil. Meu pai construiu o Rio. Muitos lugares no Rio de Janeiro, por exemplo, a sede do Botafogo, alguns prédios ele passava assim para gente. E meu pai foi conhecer o Cristo Redentor, uma das simbologias de cartões postais do mundo, aqui no Rio de Janeiro, a minha irmã levou ele levou a minha mãe e meu pai três anos antes dele falecer. Então assim, ele estava com 75 anos e ele faleceu com 78. Então assim, isso é muito significativo que nem sempre aquilo que a gente constrói de fato braços abertos. Porque o Rio de Janeiro ele é fruto de todo o Brasil, de vários lugares que vem em busca do Rio de Janeiro, do Cristo de braços abertos. Eu gosto sempre de contar isso por conta que isso é um significado muito forte. E muito orgulho dessa coisa de estar na terra. E eu sempre pequena, eu fui para as feiras com meu pai. Eu entregava banana de carroça com meu pai. E assim, eu nunca tive vergonha. Porque geralmente assim as crianças falam assim: “Ah eu vou num bairro próximo ao assentamento entregar banana de carroça”. E para mim era a saída, eu corria às vezes me escondia e embaixo da lona para poder ir. Então assim, eu sempre fui de estar na feira, falar com as pessoas. Ia aos lugares com meu pai entregar a produção. E um princípio dessa luta sempre me marcou foi a solidariedade, foi valores que a nossa sociedade atual ela não prega, a cooperação a solidariedade de estar junto com outras pessoas, de assumir essas dores coletivamente para a gente pautar política pública.*

Chegando no campo com o sorriso convidativo da estrada de chão que me leva ao encontro com Bia Carvalho, fundadora do Coletivo Terra dentro do assentamento Terra Prometida.

Figura 6: Caminho de encontro a terra



Fonte: Acervo Mônica Rosa, no campo da pesquisa, 2023

Figura 7: Apresentação do Coletivo Terra.



Fonte: Acervo Mônica Rosa, no campo da pesquisa, 2023

“A terra não pertence as pessoas, elas que pertencem a terra” - Antônio Bispo dos Santos

Figura 8: Armazém do Coletivo Terra.



Fonte: Acervo Mônica Rosa, no campo da pesquisa, 2023

Figura 9: Interior do armazém, organização da produção.



Fonte: Acervo Mônica Rosa, no campo da pesquisa, 2023

Figura 10: Riqueza, colheita de feijão.



Fonte: Acervo Mônica Rosa, no campo da pesquisa, 2023

Figura 11: Fartura, colheita de inhame.



Fonte: Acervo Mônica Rosa, no campo da pesquisa, 2023

Figura 12: Festa, criação de galinhas caipiras.



Fonte: Acervo Mônica Rosa, no campo da pesquisa, 2023

Figura 13: Caminho de integração entre as aves.



Fonte: Acervo Mônica Rosa, no campo da pesquisa, 2023

Figura 14: Quintal de convivência da casa da Bia



Fonte: Acervo Mônica Rosa, no campo da pesquisa, 2023

Figura 15: Terras da Bia sendo preparadas para um pomar



Fonte: Acervo Mônica Rosa, no campo da pesquisa, 2023

Bia Carvalho traz para a interlocução no campo da pesquisa, uma fala convocatória sobre as dificuldades enfrentadas para conseguir fazer com que o campo resista e exista diante da especulação imobiliária:

BC: *Inclusive a gente se situa se localiza na Baixada Fluminense e um lugar aonde a terra onde esses territórios eles automaticamente têm uma briga uma briga por esse território, que é a especulação imobiliária. Então, como viver aqui para produzir alimentos saudáveis para fazer esse debate a necessidade da reforma agrária. Não é um projeto só nosso. Então, a primeira coisa a gente se entender que a gente está em um território que tem uma disputa, mas que a gente não pode só se entender com uma demanda nossa do Campo, tem que ser com o conjunto da sociedade. O projeto de assentamento Terra Prometida não pode ser um projeto do Coletivo Terra ou do assentamento Terra Prometida. Ele tem que ser um projeto conjunto com a sociedade para pressionar as políticas públicas para a gente garantir que a gente continue produzindo, para que a gente continue comercializando, para que a gente continue gerando dignidade no campo para que a gente continue nesse território. Porque a gente sabe que não é um projeto do governo do estado, não é um projeto dos municípios de Nova Iguaçu de Duque de Caxias. Fazer essas condições estruturantes para a gente continuar vivendo aqui. Então, tem que ser uma pressão política e social do conjunto da sociedade. Isso não só para Terra Prometida, mas para o Rio de Janeiro. Porque o que a gente teve até hoje foi distribuição de terra. E a reforma agrária ela não é só isso. A reforma agrária não é só colocar o camponês e dizer: Toma a terra, aqui tá terra. Mas quais são as condições estruturantes básicas para a gente viver nisso. Então, esse tem sido o nosso debate, isso tem sido a nossa atuação em redes. A gente dialogar através da produção de alimentos saudáveis, a organização dessa produção para ampliar esse debate da necessidade da gente continuar vivendo aqui sabendo que o projeto político desse território não é esse.*

A Rede Carioca de Etnoeducadoras Negras, é composta por professoras de diferentes locais do estado do Rio de Janeiro. Busquei para o campo de minha pesquisa, as professoras Célia Regina de Oliveira Cristo e a professora Viviane Rodrigues. Ambas de rede pública. Percebi muita dor em suas narrativas relacionada ao racismo, a desigualdade, que nosso povo, indioafrodiaspórico, sofre ao longo da história.

VR: *A gente vai tentando melhorar dentro do padrão exigido, mas nada disso evita com que você seja apontada 'a diferente'. Eu fui vivendo, fui sobrevivendo, me forjando, me defendendo me tornando uma coisa que eu não era, na verdade. Eu fui intitulada por tantas coisas que*

houve um momento da minha vida que eu precisei... Espera aí, é isso mesmo? Eu sou isso que as pessoas estão falando? Então, fui para terapia, passei por várias fases.

Figura 16: 5º Encontro presencial da Rede Carioca de Etnoeducadoras Negras.



Fonte: Acervo RECEN, 2019

VR: *Quem eu sou? Eu sou a Viviane Rodrigues por parte de mãe. Eu sou Santos por parte de pai, um pai muito problemático, um pai preto que trouxe muito desequilíbrio para minha casa, para minha vida, para as minhas experiências. E sou Ângelo do meu marido, meu companheiro, meu amigo, meu parceiro que vem me ajudando a expandir, ele na verdade é minha grande rede. Eu acho que tudo que eu me transformei, aonde eu cheguei, tem uma relação direta com a minha maternidade, com fato de eu ter me tornado mãe de Denzel e mulher de João Kléber. Então, não posso deixar de citá-los. Eu sou a menina que cresceu, o resultado dessa menina*

que cresceu, essa menina que cresceu num ambiente muito conflituoso por parte de pai. Era um homem preto que veio de uma família que já estava organizada e que cumpriu todos os rituais que ele tinha que cumprir. Casou, mas não conseguiu dar uma vida feliz para sua família. Era um homem que era da noite, era das mulheres, ele fez minha mãe sofrer muito com isso e eu, de tabela, cresci com essas marcas, com essas dores, com essa revolta. E podia ter dado tudo certo. Porque, inclusive, nesse final de semana que eu estou aqui em família, numa casa alugada, minha madrinha está, que é por parte de pai, ela está me contando aqui algumas coisas da família, porque eu fiquei, acabei ficando muito distanciada, porque meus avós morreram muito cedo. Então, esses laços de avô e avó, quando ele se perde, você perde muita coisa. Então, eu estou nesse resgate familiar através das tias, das primas mais velhas. E esse final de semana eu soube que o meu avô paterno ele tinha nível superior. Isso assim, alguma coisa muito significativa, um homem preto que veio de uma família interessante. Porque eu também não tive acesso nenhum. A família dele era de Botafogo, não sei qual era a região, mas isso já diz muito sobre essa abertura e de possibilidades. Então, o meu pai embora não tenha feito no ensino superior, ele trabalhava como técnico de processamento de dados. E aí ele se encontra com a minha mãe que já é bem de uma outra realidade social, os pais do interior do Rio, vem para o Rio e vai morar no morro e vão construir a sua resistência. E ela faz ensino médio, consegue entrar no serviço público como digitadora do IBGE. Eu estou passando por essa parte para falar dessa criança que nasceu com possibilidades muito melhores. Quando eu ouço os relatos das pessoas, eu penso que eu tenho de certa forma bastante privilégio. Então, eu sou de uma infância que a gente andava de carro. Meu pai tinha um carro, tinha um emprego interessante, morávamos em apartamento próprio. E eu cresci vendo isso tudo, entendendo isso tudo. Apesar das desarmonias. Isso nos fez morar num conjunto habitacional que é chamada de Correios, porque eu acho que ele foi construído a princípio para funcionário dos Correios. E eu não sei o que é que aconteceu e ele depois foi aberto, então outras pessoas puderam financiar. Então, eu nasço já nessa transição dos meus pais morando de aluguel para a casa própria, o sonho da casa própria na década de 80. Eu nasci em 77. Eu estou falando tudo isso para dizer que eu estava em um ambiente muito mais branco do que preto. E isso me forjou de várias maneiras. Porque tinha um recorte dentro do condomínio de pretos e brancos, tinha o recorte do rock e do funk, tinha um recorte do belo e do feio. E eu cresci nesse espaço, tentando circular em todos os ambientes, mas conhecendo a discriminação racial já desde muito pequena. Os parquinhos do condomínio, a negrinha do cabelo duro, aquela música do Luiz Caldas: Nega do cabelo duro, que não gosta de pentear. Nossa, como eu ouvia subindo a rua. Então eu conheço o racismo recreativo muito nova. E eu vou me forjando uma pessoa muito

violenta, porque as pessoas me agredem eu não tinha por que as agredir verbalmente, eu partia para porrada. E aí eu começo a ser intitulada 'a brigona', as pessoas não queria saber por que que eu era tão raivosa, não importava. Importava é que eclodia muito mais a violência, que eu acabei me performando em virtude das dores, do que as dores. Então, foi um lugar que muito me marcou, tem pessoas ali que me marcaram assim de forma muito... que dói até hoje de lembrar, a memória não apaga.

Figura 17: Programa construído no canal do YouTube pela Professora Viviane Rodrigues

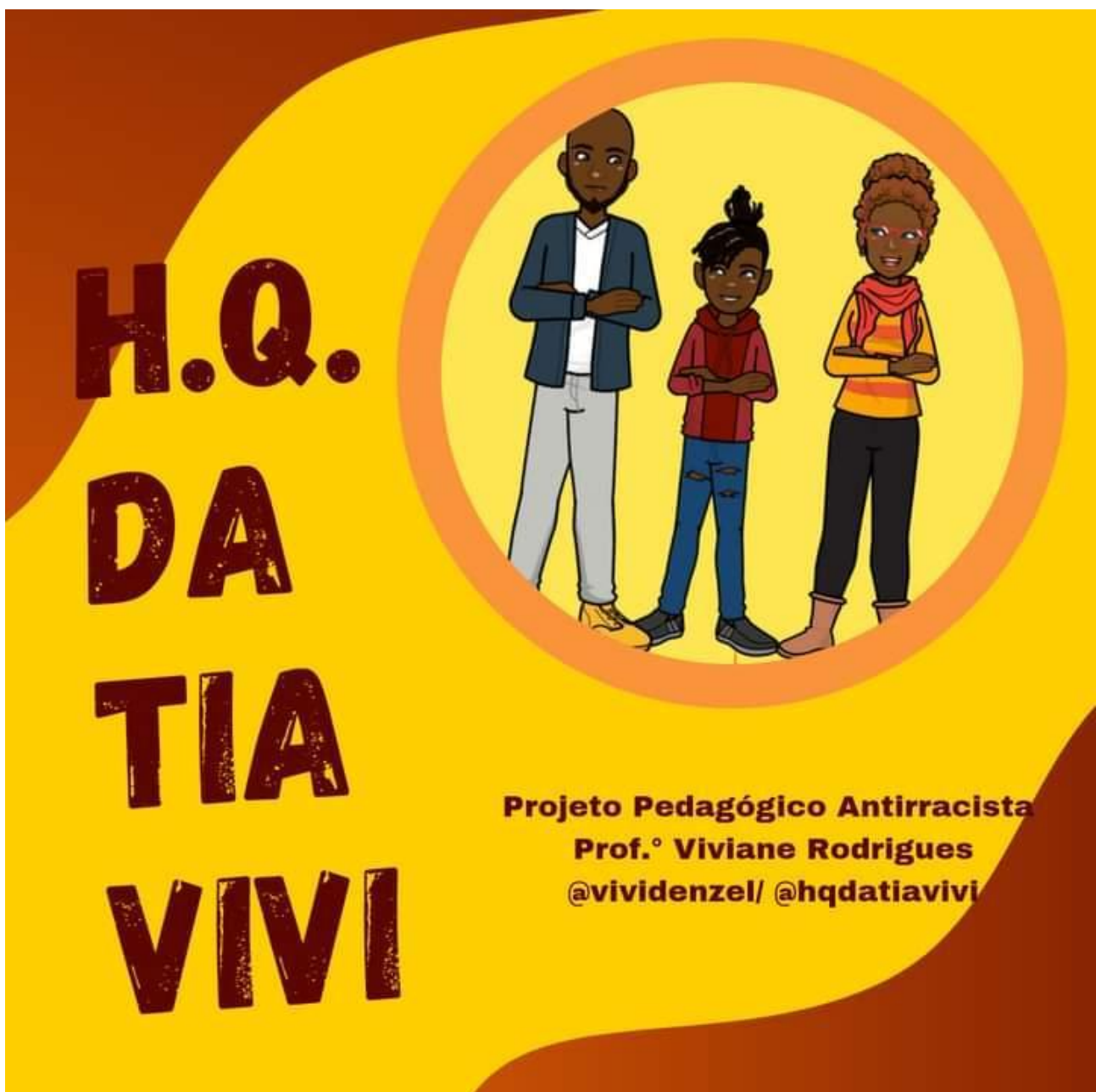


Figura 18: Apresentação do HQ para a escola que eu trabalhava: EM Tobias Barreto



Fonte: Acervo da Professora Viviane Rodrigues, 2022

Célia Cristo é uma das cofundadoras da Rede Carioca de Etnoeducadoras Negras. Traz consigo um lastro de experiências na construção dos pré-vestibulares comunitários. Parceira de Frei Davi, mantém-se até hoje a chama acesa para a expansão do trabalho ativo de combate ao racismo e as desigualdades sociais. Compartilha com todas nós sua marimba carregada de histórias e afetos.

Mônica Rosa: Fale um pouco sobre você, sua história...Onde você se localiza geograficamente?

Qual o conceito de Rede em sua vida, em sua trajetória? Onde percebeu que vida e Rede estavam confluindo em seu caminhar? O que, e quando, você sentiu que já estava nesta tessitura da Rede?

CO: *Oi, Mônica. Gratidão por estar aqui nessa teia sendo tecida por você. Vai se tornar uma potente rede. A sua pesquisa é rede, porque é sobre nós, o nó que não se faz sozinho. Mas que, ao ser tecido com outros nós, forma essa potente rede que nos sustenta e nos anima. Então, muito obrigada, querida, pela confiança e compartilhamento do seu saber. Vamos lá para as nossas perguntas. Bom, falar da minha trajetória é sempre desafiador. Eu tenho alguns pontos de partida, eu sempre começo falando da minha família. Então, eu nasci aqui no Rio de Janeiro, nasci na comunidade da Pavuna, uma região que hoje é um grande complexo de comunidades, antigamente aquilo tudo era conhecido como Fazenda Botafogo. E atualmente eu moro em Anchieta. Então eu vou falar um pouco dessa caminhada, um pouco da minha história, falar um pouco pelos lugares por onde eu passei, até para poder trazer esse conceito de rede que você me coloca. Então, na minha infância eu morei na Pavuna, na comunidade da Pedreira, porque ali havia uma enorme pedreira. Depois fui morar em Realengo, no Fumacê, e dali foi a minha infância e adolescência e boa parte da juventude. Antes disso eu passei 6 meses morando do outro lado da linha férrea, que a gente diz que é o outro lado de Realengo, que era na comunidade de Jardim Novo. Depois o meu pai comprou o apartamento no Fumacê e lá foi a minha construção identitária, minha construção enquanto professora, me formei professora Normal, na escola Carmela Dutra, morando no Fumacê. Ingressei na UERJ a partir do movimento de pré-vestibular para negros e carentes. E, também, estando na Educafro anos depois. Mas a minha base formativa para vida acadêmica foi o pré-vestibular, eu morando em Realengo. A igreja católica foi meu alicerce, uma grande rede, um suporte comunitário, onde pela pastoral da Juventude e nas minhas outras inserções como catequista, estudante, animadora, motivadora de grupos, eu fui me constituindo uma pessoa que lida diretamente com outros seres humanos. Então, eu penso que a vida comunitária já me trouxe esse processo de rede. A minha própria família, por ser uma família numerosa, também me trouxe essa dimensão de rede, de rede colaborativa. E graças a essa construção, que na minha adolescência eu achava chato ter um monte de irmão, ser a segunda mais velha e ter que tomar conta de monte irmão pequeno. Mas com eles eu entendi que era o que minha mãe fazia comigo e com as minhas irmãs quando eramos crianças. E quando ela precisou trabalhar para ajudar no sustento da família, ela abriu mão de muitas coisas dela para fazer com que a nossa vida tivesse um caminho, um rumo diferente. Então, essa minha experiência*

de rede é muito forte, porque o nó, os nós, esse laço forte ele precisou ser dado. Minha mãe pactuou comigo e com minhas irmãs que nós tínhamos que estudar porque ela ia trabalhar para que a gente não precisasse ficar como minhas primas, minhas tias, lavando privada de madame. Esse foi o termo que ela usou. E fazendo isso ela desafiou meu pai, desafiou a minha avó, a mãe dela, porque pela minha avó nós teríamos saído da escola.

Sobre a Rede Carioca de Etnoeducadoras Negras, Célia fala do sentido do acolhimento. Usando o verbo colher como substantivo colher, altera a proposição de rede no sentido do acolhimento:

CO: *Eu senti que eu estava nessa tessitura de rede, da rede, essa ideia de estar com, de colaborar com, a partir de todo uma ambiência, de toda uma movimentação que me levou para diferentes caminhos. Então, com o passar do tempo, estando já na universidade, estando ainda militando em movimento de pré-vestibular, eu percebia que muito dos estudantes vindos da baixada que precisava estar na universidade, vindos da zona oeste, a minha referência são as reuniões de acolhimento do pré-vestibular, e o nome era esse mesmo: Reunião de Acolhimento. Não tinha parado para pensar nisso há muito tempo, de quão era importante acolher. E teve uma vez que eu dialoguei com você sobre isso, dessa coisa do acolher, do acolhimento e ter a imagem de uma colher, um objeto. Porque, diferente do garfo, que vai deixar passar o líquido, a colher acolhe. Ela traz em si, um suporte, ela traz ali... ela traz a potência do acolhimento que acolhe o alimento. Então, a rede é nutrição nesse sentido, que acolhe e é diferente de colher. Não o colher de aproveitar, de sugar, como a gente vê. Mas oferecer colher. Oferecer também para depois colher. E se eu estiver sendo repetitiva você me desculpa, mas assim, é um diálogo que eu quero tentar travar com essa dimensão dessa grande colher que é rede. Porque rede tem tramas, e dependendo do que você quer trazer dentro dessa rede, as tramas podem ser muito unidas, bem fechadas. Ou as tramas podem ser largas, abertas para que se deixe sair aquilo que não serve e que seja acolhido aquilo que faz nos nutrir de alguma forma. Então, eu percebo muito o adoecimento psicossocial de muitas formas, essas das quais você acaba de citar, na educação, na família, na religiosidade, na política. E o que eu percebo é que dependendo de como as relações são estabelecidas, aquilo que é rede pode ruir, pode esgarçar e destramar, desatar os nós.*

Mais adiante, sobre as insuficiências que exigem outras performances individuais que dialoguem com o coletivo e os sentidos de redes colaborativas:

CO: *Mas eu também vejo o quanto é necessário a formação continuada, o processo formativo ser permanente para que as pessoas acordem. Para que as pessoas comecem a rever. Eu estou nesse processo de rever, rever trajetória, rever ponto de vista, rever meu discurso rever minha*

prática. E isso tudo eu devo muito a rede, a rede colaborativa que é a rede carioca de etnoeducadoras negras. Porque essa forma que a gente tem de intervir e de fazer inferências e nos espaços onde a gente está e às vezes precisa se voltar para núcleo de acolhimento.

O fato de Patrícia Dias ter nascido em um local privilegiado do Rio de Janeiro, Zona Sul, não a isentou de sofrer as mesmas situações descritas por Célia e Vivi. Patrícia nos apresenta a sua história e todos os mecanismos que ela necessitou passar enquanto criança, jovem e mãe. Brilhou enquanto modelo, jornalista. Hoje fundadora do projeto PIER - Projeto de Integração Étnica Racial. Patrícia se dá conta do quanto o racismo acelera as desigualdades sociais e sente-se convocada a atuar ativamente no combate ao racismo. Trago um pouco das contribuições que Patrícia vem oferecendo a dezenas de jovens e adultos.

Figura 19: Patrícia Dias apresentando o P.I.E.R. no SESC/RJ. Uma parceria iniciada em 2023



Fonte: Acervo PIER, 2023

PD: *Falar da minha história, falar de um passado de uma mamãe negra que vivia dentro de uma sociedade branca dentro da zona sul, dentro de Copacabana, isolada. E a vida de uma criança negra que vivia sendo isolada e procurando a sua identidade e suas referências em cada espaço da minha vida. Então, quando eu olhava a TV, quando eu olhava dentro da escola, não existiam pessoas negras porque aqueles lugares eram lugares de privilégio. E eu perguntava sempre para mim: Por que as pessoas negras elas não estavam ali? Então, pensar dentro dessa história na minha vida e ter uma família em que meus irmãos eram muito machistas, eram muito religiosos e excluía o lugar da mulher, eu pensava quanto era importante à identificação com outro, com aquele que é o seu semelhante na dor para poder se fortalecer. E por isso a minha importância de buscar aqueles que eram parecidos, aqueles que sofriam aqueles que eram retalhados para se unirem em prol do seu direito em prol do seu espaço em prol de lutar por uma condição que lhe foi subjugada dentro da sociedade. Então, qual o conceito de rede em sua vida e em sua trajetória onde percebeu que a vida e rede estavam em confluindo em seu caminhar?*

Quando você vai se sentido solitário pela exclusão, você começa a procurar aqueles que têm o mesmo caminho que o seu, aqueles que... E muitas vezes o recorte pode ser diferenciado, mas a percepção da exclusão é a mesma. Então, você acaba se unindo, colocando a mão, segurando a mão um do outro para poder tentar chegar a algum lugar. Acho que quando me percebi excluída dentro daquela sociedade, dentro da minha própria sociedade, eu comecei a procurar aqueles que me acolhiam, aqueles que estavam unidos comigo dentro de uma mesma causa, dentro de buscar uma vida igualitária em comunidade. E acho que foi aí que percebi a importância da rede no meu caminhar.

Então, você me pergunta: o que você considera um grande desafio na proposição do trabalho em redes colaborativas?

Figura 20: Patrícia Dias dinamizando um grupo de trabalho do projeto PIER



Fonte: Acervo PIER 2023

Sobre os desafios de estar em redes colaborativas, Patrícia é muito precisa em suas palavras:

PD: Então, existem vários problemas dentro da rede colaborativa. Isso eu falo através do meu projeto que se chama PIER Projeto de Integração Étnica Racial, em que a gente tenta lutar pela representatividade negra, se estendendo também a outros racializados em prol dos nossos direitos. Principalmente direcionando dentro da Pós-graduação. E o grande desafio são vários: Uma, entre eles, é driblar o mecanismo de poder e opressão para recorte étnico racial. Conseguir vencer os mecanismos da branquitude. Outra coisa muito interessante é lutar contra

o apagamento. Porque o apagamento ele é contínuo dentro da nossa sociedade. É tão contínuo não só pela branquitude, mas pelos próprios negros que nem conseguem identificar os seus pares. Uma coisa que eu fico sempre pensando é que o branco é uma cor única. Mas os negros eles têm que ter várias cores, é marrom, é mulato, é cafuzo, mameluco, isso é uma estratégia de denominação. Então, o fazer é se perceber enquanto dentro do recorte racial, negro enquanto racializado e lutar juntos. Porque nós fomos criados para estarmos separados e fazer essa busca dessa representatividade dessa rede em prol do nosso direito, do nosso lugar que foi destituído.

Reforçamos que a experiência de estar no campo, corporificou a pesquisa propriamente dita. A interlocução, trouxe a possibilidade de ouvir a jornada de cada coautora dessa dissertação. A coautoria vem das inspirações de outros trabalhos, com destaque para a pesquisa de Célia Regina Cristo de Oliveira. As escutas sensíveis, as generosas pausas necessárias, as conversas sem gravador, foram decisivas. A coautoria é sobretudo, uma perspectiva descolonizadora. Também na pesquisa, temos vivenciado percursos contra hegemônicos. Foram registradas nuances de histórias familiares, políticas que refletem a densidade do ativismo alcançado na luta.

Abaixo recuperamos um fragmento da narrativa apresentada por Angélica Lemos:

AL: *Eu estou aqui em Minas Gerais. Gosto de fortalecer essa questão da ideia de prosa, que é uma conversa comunitária de partilha e quanto é importante esses temas da rede do colaborativo, do comunitário dentro dos espaços universitários também. Eu acho que sua pesquisa também é muito fértil porque estava nesse espaço da universidade, esse diálogo e essa escuta da comunidade. Essa primeira pergunta é para falar da formação de onde vem. Então, eu sou de Minas Gerais, numa regional do Triângulo Mineiro. E venho de família de várias gerações de artesãos e artesãs. Minha bisavó foi artesã. Possivelmente até a mãe da minha bisavó, minha avó, a minha mãe, as minhas tias. Tanto do lado materno, quanto do lado paterno. A minha avó e bisavó eram tecelãs, aquele tear de pedal, aquele tear clássico de Minas Gerais. E para o lado materno elas eram artesãs, mas também artesãs para subsistência. Então, para elas terem uma roupa, elas terem um adorno, um tecido em casa, elas tinham que produzir, criar e confeccionar o seu próprio tecido. Então, foi um artesanato muito de resistência. Também desse núcleo familiar e a maioria mulheres. Então, eu fui criada em grupos, de estar no grupo das mulheres artesãs desde pequena. Por exemplo, eu com nove anos minha avó já colocava a gente para bordar. Tinha que aprender a bordar para fazer o enxoval*

de casamento, olha isso, com nove anos de idade. Então assim, aos poucos ela foi, minha própria avó foi desconstruindo isso.

Ouvir Angélica relatando sobre a desconstrução de sua avó com relação a bordar para construção de enxoval de casamento, me remete direto a sua entrada na academia. Universidade Federal. Toda uma linhagem feminina, rompendo um padrão colonizador de sua história, de seu percurso na vida, trazendo movimento para o pensar “sankofa” no processo da de colonialidade de classes, iniciada no seio familiar. Consequentemente chega desfazendo paradigmas, que as mantinham artesãs colonizadas em sua manifestação criativa e no seu prover livre das correntes do capital.

E surge linda, com a vivência junto ao ativismo estudantil, alinhavando um bordar, ousado que ganha ar nas bordas de um sistema, que mesmo apresentando-se fechado, abre janelas para a sabedoria ancestral trazida por Angélica, que ressignifica o artesanato em função científica no Graduação de Terapia Ocupacional, seguindo para a Pós-graduação, construindo conceitos, baseados em saberes outros de suas memórias, de seu bordado no tear da vida, no centro de seu coração!

Em meu artigo publicado sobre “Sentido comunitário e perspectivas de insurgência para redes de mulheres afrodiáspóricas latino-americanas”, analisamos a insurgência de redes de intelectuais negras da América Latina, com ênfase na dinâmica organizacional que apresentam, além de considerarmos as identificações em curso ancoradas na ideia de pertença afrodiáspórica. Localizamos movimentações coletivas e um contínuo que caracterizam esse deslocar-se a partir de um sentido comum (da Costa, Miranda, da Rosa, 2023, p. 2059).

Com esse delineamento, o que se pretendeu foi promover aproximações interseccionais privilegiando quadros teóricos que contemplam os traumas vividos cotidianamente, e que são rememorados como forma de violência psíquica possam emergir. Ao mesmo tempo, vimos como as perspectivas transnacionais de comunidade são emergentes no debate sobre desenvolvimento e cultura femininas e negras. Pode-se considerar a adoção de uma perspectiva colaborativa e de uma agenda de trabalho em defesa do direito à mobilidade sociopolítica. Defende-se que os estudos sobre a diáspora africana, na América Latina, estão sub-representados e esse é um dos aspectos que reforça a importância das provocações a serem feitas, no campo da Psicossociologia de Comunidades (ibidem).

Neste sentido, as interlocuções que emergem das narrativas de nossas interlocutoras reforçam nossas análises ao trazerem de suas memórias, dos lugares onde afeto, dor, razão, emoção performam ao mesmo tempo, bem como, em momentos distintos, fazendo com que o caminho de muitas mulheres que tecem e corporificam seus cotidianos, coletivamente, seja marcado pela sua própria razão de existir, por sua presença no mundo.

5 NOTAS CONCLUSIVAS

Foram pistas sobre os itinerários coletivos, de experiências colaborativas sobre o percurso do caminhar de forma, colaborativa em movimento circular. Sem medo de partilhar seus saberes. E sim confiante do quanto é possível, inferir positivamente na travessia de um social que clama por um olhar atento e presente diante das lutas impostas pelo sistema colonizador.

Uma das constatações que o campo me ofereceu, foi o diálogo, intenso e de muita luta, principalmente entre as mulheres que se entregam a terra para além de seu sustento. Mas também como partes integrantes deste organismo que provê que gera o fruto e nutre os seres viventes em nosso planeta. São um só ecossistema.

Estar com estas interlocutoras, estas cinco maravilhosas mulheres foi estar compondo, uma rede de memórias ancestrais que nos acompanham e inspiram a cada passo da jornada, em cada ciclo de lua a contar o tempo, em cada pedra de rio que organiza as curvas de seu córrego, que salta e faz ressonar seu sábio curso, seu leito farto e emotivo. Desde muito pequena percebi que as formigas, sempre caminham juntas, carregam juntas tudo aquilo que precisam, assim como outros insetos. Passava horas observando seus percursos e relações, e quase era capaz de ouvir suas comunicações, suas trocas, suas escolhas de caminhos. Ao escolher pesquisar sobre redes colaborativas, lembrei muito das companheiras formigas. Assim como elas, as Mulheres, pensam e sentem em rede. É um reverberar coletivo de intenção para manter a marcha seguindo. A marcha do campo, das bordadeiras, das professoras, das mães com filhos e sem filhos, das curandeiras! Mulheres que formam redes para existir! Simplesmente para existir insurgindo na vida se fazendo viva! Esta pesquisa me trouxe a feminilidade da Floresta Mãe! E me fez refletir sobre o Eco do canto de seus saberes que nos habitam e nos convocam a sermos Natureza. A nos responsabilizarmos pelo ecossistema que nos afeta e que estamos a afetar sem pausar.

Luta para resistir e existir dentro do processo do construir a Rede, nós mulheres percebemos que é possível existir. É possível existir em Rede na cidade, abrindo acesso lado a lado, mão em mão, mantendo a conexão com a Floresta. É possível resistir em rede na Floresta, lado a lado, mão em mão, mantendo a conexão com a vida que está a nos convocar para pausar sobre a sombra das mangueiras, das figueiras, dos tapetes coloridos das flores primaveris.

Percebi que a tessitura entre mulheres gera confluências entre Regiões, atravessam mares e rios, com vento, com o fogo, o que não falta é desafio! O adoecimento da psiquê

humana, precisa de uma “desobediência epistêmica” para que comece a sentir antes de pensar, a abrir espaço para um pensar mais sensório e natural onde haja possibilidades de aprendizados outros junto ao canto da Terra Mãe.

Ao observar Bia Carvalho na lida com a terra, percebo o entrelace dos corpos nas relações com o manuseio da colheita, o debulhar do grão, um fluir em Rede. Coletivo Terra, sempre juntos. Confluindo com o bordar em roda, a beira do Rio, no Vale de Minas. Maria anciã, Maria mulher, Maria menina. O que importa é manter a roda no giro da rede, tecendo em harmonia com o canto do rio, na chuva, no sol, sabendo que o arco-íris certamente irá chegar.

Nesta travessia entre cidade e campo, percebo que o adoecimento social, me convoca a um percurso contínuo de encontro a contra-colonização. Bebi da fonte de Antônio Bispo dos Santos. Como se estivesse em canoa rio a fora, de uma margem a outra buscando o fluir no eixo do rio, no caminho do meio. Margem direita, a arte, a poesia, as cores e cantorias, margem esquerda a estrada, a cidade, as luzes, as buzinas, fumaças, academias. Tudo certo vamos juntos.

De repente pude compreender na interlocução com as professoras da RECEN e com a diretora do PIER, que é a confluência que a convocatória convida a fazer. E muitos outros capítulos vir a escrever.

Por isso, não considero finita esta pesquisa. Paro na etapa desta busca e deixo o desejo de seguir na investigação desta psiquê social adoecida, cansada, algumas vezes com dificuldade de esperar, de criar, de brincar no tempo e com o tempo. Tornando tudo sério demais. Corpos endurecidos e doloridos, é preciso reaprender a dançar o sonho...

...a cantar em roda, contar o tempo com a lua,

água que me recebe

ar que chega, hora vento hora brisa

em sussurro de cantiga,

em sopro de inspiração

em grito de exaustão!

Floresta que me chama

Á comungar a terra-mãe!

Matriz que me nutre
No caminhar da alma andante!
Eu criança no colo da terra
Eu anciã ventre da terra.

As interlocuções, me elucidaram que cada Rede existente, traz a memória dos Quilombos, das casas de rezas indígenas, onde se reuniam para tratar de assuntos coletivos.

Me detive no campo, na escuta da história de cada uma, evidenciando a localização geográfica de cada território, o que traz relevância para a pesquisa, por trazer o pertencimento, a trajetória. Pontuando a confluência entre vida e Rede em seu caminhar.

Buscando trazer o sentir de cada tessitura.

Quero seguir com essa pesquisa, ampliando a leitura de autoras e autores indígenas, ancorada nos escritos de Antônio Bispo dos Santos, Davi Kopenawa, Eliane Potiguara e muitas e muitos outros. Sou árvore de baobá, sou raiz de amor para amar. Sou encanto de ancestral que na vida vem fiar REDES em fios de memórias para nosso povo pela ação da pesquisa libertar!

Acredito na circularidade do Tempo. A vida não começa na infância e termina na finitude do corpo. A ancestralidade é a infância e a infância é ancestral! Os fios coloridos da diversidade se encontram na tessitura da vida mão a mão, em Rede performática na insurgência do reexistir.

Figura 21: Desenho Anja Rozen, uma estudante da escola primária de 13 anos na Eslovénia. vencedora do concurso Internacional Plakat Miru. Ser/Tempo/Circularidade/ Tessitura



Fonte: Anja Rozen, 2023

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, Luis Guillermo Meza. **Etnografando a ‘Red de Ananse’: Políticas, Pesquisa e espiritualidade Afro-Colombianas**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro, 2014.

ARMAAD. **Red de Mujeres Afrolatinoamericanas, Afrocaribeñas y de la Diáspora. Quienes somos**. Managua, Nicaragua. 2018. Disponível em: <http://www.mujeresafro.org/sobre-nosotras/quienes-somos/>

CAMARGO, Daniel Renaud, PELACANI, Bárbara, FARIA, Renata Silva, MIRANDA, Cláudia ; COSTA, Samira Lima **Psicossociologia com comunidades: abordagens sentipensantes como emergência na América Latina**. Pesquisas e Práticas Psicossociais, 16(2), São João del-Rei, abril-junho de 2021.

CARVALHO, José Jorge de ; KIDOIALE, Makota ; CARVALHO, EMÍLIO Nolasco de; COSTA, Samira Lima da. **Sufrimento psíquico na universidade, psicossociologia e Encontro de saberes**. Sociedade e Estado, v. 35, p. 135-162, 2020.

CAVAS, Claudio de São Thiago. D’ÁVILA, Maria Inácia Neto. **A diáspora negra: como as mulheres recriaram através da religião a África "imaginada" no Brasil de todos os santos. Fazendo gênero**. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373318466_ARQUIVO_ARTIGOCOMPLETO-FazendoGenero10-ClaudioCavas.pdf

COSTA, Samira Lima da; SILVA, Carlos Roberto Castro. **Afeto, memória, luta, participação e sentidos de comunidade**. Pesquisas e Práticas Psicossociais, 10(2), São João del-Rei, julho/dezembro 2015.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **El ojo intruso como Pedagogía**. s/d. Disponível em: https://www.profesores.uff.br/ricardobasbaum/wp-content/uploads/sites/164/2020/09/Cusicanqui_Sociolog%C3%ADa-de-la-imagen-Miradas-ch%E2%80%99ixi-desde-la-historia-andina.pdf

_____. **Sociología de la imagen: miradas ch’ixi desde la historia andina**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.

DA COSTA, Samira Lima, MIRANDA, Cláudia, DA ROSA, Mônica Pinto. **Community sense and insurgency perspectives for latin american afrodiasporic women’s networks**. Revista Caribeña de Ciencias Sociales, 12(5), 2059–2079. Disponível em: <https://doi.org/10.55905/rcssv12n5-005>, 2023.

D’ÁVILA NETO. Maria Inácia. **A porta, a ponte e a rede: reflexões para pensar (o conceito de rede e o conceito de comunidade)**. In: D’ÁVILA Neto & PEDRO, R.M RL. Tecendo o desenvolvimento. Saberes, gênero, Ecologia Social. Rio de Janeiro, Mauad Editora, 2003.

_____. **O autoritarismo e a mulher: o jogo da dominação macho-fêmea no Brasil**. Rio de Janeiro: Artes e Contos, 1994.

FALS BORDA, Orlando. Fals Borda. **Una sociología sentipensante para América Latina /México**, D. F. Siglo XXI Editores ; Buenos Aires : CLACSO, 2015.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva**. Tradução de Coletivo Sycorax, São Paulo: Elefante, 2017.

GONZÁLEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras: Lélia González em primeira pessoa**. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

_____. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Ciências sociais hoje, v. 2, p. 223-244, 1983.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. RJ: Cobogó, 2019.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu. Palavras de um xamã Yanomami**. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1ª Edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LERMA, Betty Ruth Lozano. **Tejiendo con retazos de memorias insurgencias epistémicas de mujeres negras/afrocolombianas. Aportes a un feminismo negro decolonial** (Tese de Doutorado), Doctorado en Estudios Culturales Latinoamericanos. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, 2016.

MARTIN-BARÓ, Ignacio. **O papel do psicólogo**. Estudos de Psicologia, 2(1), 7-27, 1996.

MARTINEZ PINEDA, María Cristina. **Redes, experiencias y movimientos pedagógicos**. Rev. cienc. tecnol. [online], n.18, pp.5-11. ISSN 1851-7587, 2012.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: -N-1 Edições, 2018.

_____. **Crítica da razão negra**. São Paulo: -N-1 Edições, 2018.

_____. **Necropolítica**. Revista Arte & Ensaios, Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-151, dez., 2016.

MILAN, Betty. **Difusão da psicanálise lacaniana no Brasil**. 1994. Disponível em: <https://www.bettymilan.com.br/difusao-da-psicanalise-lacaniana-no-brasil/>

MIRANDA, Claudia, FERNANDES, Mille Caroline Rodrigues, CARMO, Aline Cristina Oliveira do. **Pensar em movimento a interseção "África e diáspora" e outras aprendizagens em disputa no tempo presente**. v. 33, n.53. Cadernos do CEOM, 2020.

_____, Claudia, OLIVEIRA, Célia Regina Cristo de; ROSA, Mônica Pinto da. **Lélia González no debate sobre educação política na América Latina/América Latina: e a UNIRIO com isso?** In: RIBEIRO, Ribeiro, PINHEIRO, Diógenes, NEGREIROS, Nilda. Diálogos sobre gênero: legislações, resistências e corpos em movimentos. Rio de Janeiro, Editora Anagrama, 2022.

_____, Claudia, PEREIRA, Luciano da Silva, CAMILO, Fabiola. **Pesquisa por demanda e intelectuais insurgentes: outras aprendizagens no campo da educação e das ciências sociais**. Revista Periferia – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, vol 15, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/periferia.2023.76759>

_____, Claudia. **Pesquisa em rede de mulheres negras: sentido comum e (re)aprendizagens epistemológicas.** In: MIRANDA, Claudia. Pesquisa em rede de mulheres negras. Belo Horizonte: Nandyala, 2020.

_____. **Más allá de un cuento de hadas: resistencia y otros aprendizajes para la historiografía de la diáspora africana.** In: SEPTIEN, Rosa Campoalegre; LOANGO, Anny Ocoró. Afrodescendencias y contrahegemonías: desafiando al decenio. Buenos Aires: CLACSO, 2019.

_____. **Pesquisadoras negras na docência no ensino superior: uma análise a partir da perspectiva (auto) biográfica.** Revista Práxis Educacional. Vitória da Conquista - Bahia, Brasil, v.14, n.29, p. 393-414, jul.set. 2018.

_____. **Narrativas subalternas e políticas de branquidade: o deslocamento de afrodescendentes como processo subversivo e as estratégias de negociação na Academia.** Tese (Doutorado em Educação) – UERJ, Rio de Janeiro, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?** Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 62, p. 20–31, dez. 2015.

PAIVA, Raquel. **Espírito Comum** PAIVA, Raquel (Org.). O retorno da comunidade: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, p. 198, 2003.

PAIVA, Raquel. (org.). **O retorno da comunidade: os novos caminhos do social.** Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

PALERMO, Zulma. **Desobediência Epistêmica y opción decolonial.** Cadernos de estudos culturais, v. 5, p. 237-194, 2013.

PARDO, Catalina Revollo; COSTA, Samira Lima da; RAMOS, Mancel Martinez. Editorial: **A Psicologia nos encontros e interfaces com epistemologias contra-hegemônicas.** Fractal: revista de psicologia, v. 31, p. 165, 2019.

_____, Catalina Revollo. As Redes Migratórias Político-Comunitárias tecidas pelas Mulheres Vítimas do Desplazamiento na Colômbia. **O SOCIAL EM QUESTÃO.** v. 21, p. 265-282, 2018.

_____. **Traduzindo Testemunhos de Mulheres Vítimas de Desplazamiento Forçado na Colômbia.** RJ: UFRJ/EICOS. (Tese de Doutorado), 2015.

PEDRO, Rosa M. L. R. **As redes na atualidade: refletindo sobre produção de conhecimento.** In: D'ÁVILA NETO, Maria Inácia; PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro. Tecendo o desenvolvimento: saberes, gênero e ecologia social. Rio de Janeiro: Mauad: Bapera Editora, 2003.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina.** In.: A colonialidade do saber: eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires, Argentina, CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf

QUIÑONEZ, Santiago Arboleda. **Le han florecido nuevas estrellas al cielo: suficiencias íntimas y clandestinización del pensamiento afrocolombiano.** Quito: Universidad Andina Simón Bolívar. 2016.

QUIÑONES, Fanny Milena Riascos. In MIRANDA, Claudia. **Pesquisa em redes de mulheres negras**. Belo Horizonte: Nandyala, 2020.

Rede Carioca de Etnoeducadoras Negras. Disponível em:

<https://etnoeducadorasnegras01.wordpress.com>

ROMO, Andrés Donoso. **La educación en las luchas revolucionarias: Iván Illich, Paulo Freire, Ernesto Guevara y el pensamiento latinoamericano** - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires CLACSO, Santiago: Quimantú, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos, **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília, INCT/UnB, 2015

_____. **Somos da terra..** Piseagrama, Belo Horizonte, número12, p. 44 – 51, 2020.

_____. **Início, meio, início: Conversa com Antônio Bispo dos Santos**, Indisciplinar, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 52–69, 2020. DOI: 10.35699/2525-3263.2020.26241. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/indisciplinar/article/view/26241>.

SANTOS, Maria Balbina (Mametu Kafurengá). **Pedagogia do Terreiro: experiências da Primeira Escola de Religião e Cultura de Matriz Africana do Baixo Sul da Bahia**. Salvador - BA, 2019.

SEGATO, Rita Laura. **La crítica de la colonialidad en ocho ensayos y una antropología por demanda**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2013.

TAKEITI, Beatriz Akemi, COSTA, Samira Lima, PARDO, Catalina Revollo, Guerra, Cláudia Tovar; MIRANDA, Cláudia. **Psicossociologia desde América Latina**. Pesquisas e Práticas Psicossociais, 16(2), São João del-Rei, abril-junho de 2021.

VAZ, Danielle de Deus França Gomes Galvão. **Redes De Etnoeducadores/As No Trânsito Brasil – Colômbia: Um Estudo A Partir Das Pedagogias Decoloniais E Da Interculturalidade Crítica**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO, 2017.

WALSH, Catherine; SALAZAR, Juan García. **Memoria colectiva, escritura y Estado. Prácticas pedagógicas de existencia afroecuatoriana**. Cuadernos de Literatura Vol. XIX n.o38 • julio-diciembre 2015.

WALSH, Catherine. **Pedagogias Decoloniais: práticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I Serie Pensamiento Decolonial. Equador: Editora Abya Yala, 2014.